

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SOCIOECONÔMICO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA  
ADMINISTRAÇÃO**

Nuria Loriane de Pina Teixeira Xavier

**Vida profissional? uma discussão na perspectiva de mulheres negras**

Florianópolis

2020

Núria Loriane de Pina Teixeira Xavier

**Vida profissional? uma discussão na perspectiva de mulheres negras**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação apresentado à disciplina a CAD 7305 como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Enfoque: Monográfico

Área de concentração: Recursos Humanos

Orientadora: Prof. Dra. Helena Kuerten de Salles Uglione

Florianópolis

2020

Xavier, Nuria Loriane de Pina Teixeira  
Vida profissional? uma discussão na perspectiva de  
mulheres negras / Nuria Loriane de Pina Teixeira Xavier ;  
orientador, Helena Kuerten Salles Salles, 2020.  
84 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio  
Econômico, Graduação em Administração, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Administração. 2. Administração, Gênero, Movimento  
Feminista Negro, Trabalho no Contemporâneo . I. Salles,  
Helena Kuerten Salles. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Administração. III. Título.

Núria Loriane de Pina Teixeira Xavier

**Vida profissional? uma discussão na perspectiva de mulheres negras**

Este Trabalho de Curso foi julgado adequado e aprovado na sua forma final pela Coordenadoria Trabalho de Curso do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 20 de novembro de 2020.

---

Profª Helena Kuerten Salles Dra  
Coordenadora do Trabalho de Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profª Helena Kuerten Salles Dra  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profª. Rebeca de Moraes Ribeiro de Barcellos, Dra.  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profª.Kellen da Silva Coelho Dra  
Avaliadora

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres negras desse Brasil

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao universo por ter me proporcionado estudar no Brasil, numa universidade com elevada qualidade oferecida, onde aprendi a ter um pensamento crítico e uma perspectiva diferente do mundo.

Agradeço a mim mesma, pelo desafio de sair da minha terra Cabo Verde, na busca de ascensão profissional.

Aos meus queridos pais por sempre acreditarem que a educação é a melhor ferramenta para o desenvolvimento pessoal. Agradeço por todo esforço investido na minha educação. Mesmo estando longe, o amor e o apoio incondicional dado durante toda a minha trajetória é muito gratificante para mim.

Deixo um agradecimento especial à minha orientadora Helena Salles, por ter aceitado conduzir meu trabalho de conclusão do curso, e pelas valiosas contribuições dadas a mim durante todo o processo da construção desta monografia. Te levarei como referência e como inspiração para a minha vida profissional.

Aos meus amigos e colegas de casa que também vieram pelo mesmo desejo de se profissionalizar numa faculdade de ensino qualificado. Agradeço pela força dada umas às outras durante todos esses anos residindo no Brasil. Também agradeço aos meus amigos brasileiros por toda hospitalidade. Aprendi muito fora da UFSC durante os meus seis anos morando no Brasil.

Por fim, agradeço as seis mulheres entrevistadas que compartilharam comigo as suas histórias de vida, as suas frustrações e conquistas durante toda a trajetória de vida. Foi valioso para mim ouvir relatos que sirvam de luta e resistência numa sociedade discriminatória como o Brasil. Espero que de alguma forma essa monografia possa dar algum contributo de reflexão para muitas pessoas, assim como serviu para mim.

*Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É preciso ser antiracista*

*(Angela Davis)*

## RESUMO

O presente trabalho realiza um estudo para discutir a vida profissional na perspectiva de mulheres negras da sociedade brasileira. Para tanto, foram entrevistadas cinco mulheres negras de diferentes cidades do Brasil, no âmbito de identificar pontos em comum na fala dessas mulheres, a fim de problematizar a universalidade de perspectiva profissional, vinculadas às categorias de gênero e raça. Através do método estudo de caso, a monografia procede com uma análise qualitativa de dados, com a técnica história oral. Neste sentido, as análises demonstram que as razões que levam mulheres negras a não ascensão profissional estão relacionadas a discriminação racial no processo de ensino e aprendizado, o desafio em conciliar os estudos e o trabalho, o ciclo vicioso de pobreza, a discriminação organizacional, e por fim sonhos de infância suspensos. Estas categorias são fruto de um contexto histórico brasileiro, vinculadas ao mito da democracia racial, resultando em privilégios e opressões interseccionais.

**Palavras-chave:** Gênero, Movimento Feminista Negro, Trabalho na Sociedade Contemporânea

## ABSTRACT

The present work carries out a study to discuss professional life from the perspective of black women in Brazilian society. To this end, five black women from different cities in Brazil were interviewed, in order to identify common points in the speech of these women, in order to problematize the universality of professional perspective, linked to the categories of gender and race. Through the case study method, the monograph proceeds with a qualitative analysis of data, with the oral history technique. In this sense, the analyzes show that the reasons that lead black women to non-professional advancement are related to racial discrimination in the teaching and learning process, the challenge of reconciling studies and work, the vicious cycle of poverty, and finally discrimination. institutional. These categories are the result of a Brazilian historical context, linked to the myth of racial democracy, resulting in intersectional privileges and oppressions.

**Keywords:** Gender, Black Feminist Movement, Labor in Contemporary Society

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Distribuição de mulheres ocupadas.....	16
Figura 2- Angela Davis no debate político do movimento <i>black lives matter</i> .....	25
Figura 3- Fundação Astrojildo Pereira 130 anos de escravatura no Brasil.....	26
Figura 4- Médias de anos de estudos de pessoas com mais de 15 anos de idade.....	33
Figura 5- Taxa de desemprego, por raça cor e sexo no Brasil.....	34

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.2 OBJETIVOS GERAL.....	14
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
1.4 JUSTIFICATIVA .....	15
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	19
<b>2.1 GÊNERO</b> .....	19
2.1.1 Movimento Feminista.....	21
<b>2.2 FEMINISMO NEGRO</b> .....	24
2.2.1 A importância do feminismo negro na sociedade brasileira.....	26
<b>2.3 TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b> .....	30
2.3.1 Racismo Estrutural e Institucional.....	33
2.3.2 Mulher Negra e Trabalho.....	37
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	41
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	42
3.2 Coleta de Dados.....	42
3.3 Limitação do Estudo.....	43
3.4 Análise de Dados.....	44
<b>4 ENTREVISTAS</b> .....	46
4.1 Antonieta de Barros.....	46
4.2 Dandara.....	47
4.3 Marielle.....	48
4.4 Benedita da Silva.....	49
4.5 Tereza de Benguela.....	49
<b>5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS</b> .....	50
5.1 Discriminação no Processo de Ensino e Aprendizado.....	50
5.2 Desafio em Conciliar os estudos e o Trabalho.....	53
5.3 Ciclo vicioso da Pobreza.....	56

5.4 Discriminação Organizacional.....	59
5.5 Sonhos de Infância Suspensos.....	61
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
APÊNDICE 1.....	73
APÊNDICE 2.....	89

## 1 INTRODUÇÃO

“Ser mulher já é uma desvantagem nessa sociedade machista, imagina ser mulher e negra”. Essa frase foi dita pela ativista política Angela Davis, na qual elucida as dificuldades da mulher negra numa sociedade patriarcal. Considerando o critério raça e gênero, denota-se que estes dois critérios são fatores importantes na determinação do lugar que os grupos ocupam na sociedade e no mundo do trabalho. Embora a abolição da escravidão tenha sido decretada há mais de um século, a segregação racial com bases capitalistas concebeu à população negra desigualdades incisivas no mercado de trabalho.

No Brasil, as transformações sócio econômicas melhoraram muito as condições do trabalho na década 2000, todavia para a população negra essas mudanças praticamente permaneceram intactas. Como aponta o retrato das desigualdades de gênero e raça do IPEA, as mulheres negras compõem aproximadamente a metade dessa população, são mais de 41 milhões de pessoas, o que representa 23,4% do total da população brasileira. Entretanto, são as que mais estão em desvantagem, devido ao fenômeno da dupla discriminação, racismo e sexismo, “as quais resultam em uma especie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida” (Sueli Carneiro, 2002 p.10).

A mulher negra carrega inúmeras marcas que decorreram devido ao período escravocrata, que perduram até os dias atuais. Estão na base da pirâmide social carregando o fardo das desigualdades e discriminações sociais, seja no local de trabalho, nas escolas, no sistema de saúde pública, na política, entre outros.

Desse modo, esta monografia propõe discutir a ideia de vida profissional, a partir da perspectiva das mulheres negras, no âmbito de problematizar a universalidade do discernimento de vida profissional. Na análise da carreira da mulher negra, observa-se que a conjuntura das circunstâncias dessa sociedade engendram obstáculos que as impedem de inserir no mercado de trabalho, restringindo-as a subempregos, como única opção.

No primeiro capítulo, o estudo será iniciado abordando de forma geral as construções de gênero nas sociedades, trazendo como base antecedentes históricos da diferenciação de sexo e genero, juntamente com outras intersecções como raça e classe, contribuindo na fomentação teórica do movimento feminismo. Em segundo momento será abordado a importância da deliberação do feminismo negro na sociedade brasileira, uma vez que a escravatura determinou e determina a posição e a discriminação social das raças. Por fim será abordado a relação da mulher negra com o

trabalho, trazendo noções sobre a desigualdade e a discriminação de gêneros e raça no mercado de trabalho.

Pretende-se com a presente monografia, através de pesquisas de natureza descritiva, demonstrar a realidade da mulher negra frente às discriminações socioeconômicas, com base na história de vida de cinco mulheres negras do Brasil, com o intuito em apontar lacunas e a falta de representatividade desse grupo no mercado de trabalho, bem como retratar a perspectiva de vida profissional dessa parcela da população brasileira. No que diz respeito ao curso de administração vinculado a esse estudo, conforme Costa e Ferreira (2006, ) apud Geledés

A Administração é uma disciplina que tem como um dos seus objetivos entender a dinâmica das organizações públicas e privadas e da gestão de pessoas no ambiente de trabalho. Apesar destas marcas da escravidão impactarem na dinâmica das organizações e na inter-relação de seus indivíduos, observa-se uma escassez de estudos que analisem o legado deste período histórico no âmbito da Administração. Este silêncio nos impede de entender a condição dos negros nas empresas brasileiras (Costa & Ferreira, 2006)

Neste sentido, no que se refere as relações de trabalho e políticas de administração de recursos humanos vinculados ao combate ao racismo, estes são agentes cruciais na execução de políticas institucionais nas organizações, de modo a redimir os problemas enfrentados pelos trabalhadores negros ao tentarem ingressar nas empresas. Nessa ótica, esta pesquisa é de relevância para mim, dado que sou uma mulher negra africana, formanda em administração e com o viés em levar a militância de gênero e raça na minha vida profissional. Antes de chegar no Brasil, assim como muitos, acreditei que o país possuía uma democracia racial bem como era mostrado nas mídias. Todavia, ao chegar aqui para fazer faculdade de administração, me deparei com uma tremenda desigualdade racial socioeconômico, e com o tempo entendi que este era fruto de um racismo estrutural, onde os negros estavam empregues em trabalhos subalternos, com menores remuneração, e excluídos do mercado de trabalho. Na faculdade eu fui a única negra da turma, o que me fez entender que no Brasil a cor da pele determina o seu lugar na sociedade. Sendo assim, resolvi fazer a presente monografia de modo dar algum contributo para a emancipação da mulher negra e da população negra, uma vez que este grupo foi historicamente discriminado nesta sociedade patriarcal.

## 1.2 OBJETIVOS GERAL

O estudo visa problematizar a ideia de vida profissional, a partir de histórias de vida de mulheres negras na sociedade brasileira.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

De modo a contemplar o objetivo geral definiu-se os objetivos específicos a seguir:

- a) retratar o contexto histórico das mulheres negras no Brasil;
- b) descrever a ideia de vida profissional na perspectiva de cada uma das mulheres entrevistadas
- c) estabelecer relação entre elementos comuns na fala dessas mulheres
- d) proporcionar reflexões acerca dos aspectos levantado pelas entrevistadas à luz do feminismo negro

## 1.4 JUSTIFICATIVA

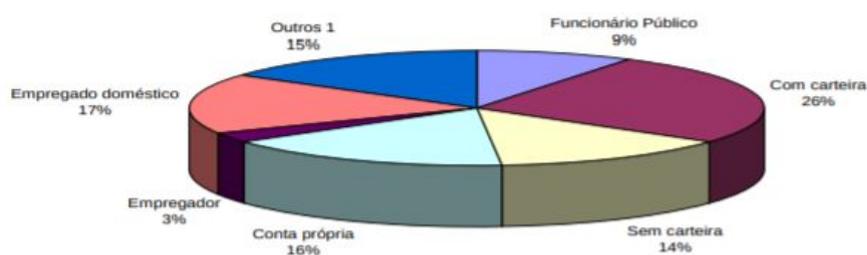
A principal motivação para sustentar a presente pesquisa reside na importância que o combate a desigualdades racial possui na sociedade atual. Nas últimas décadas várias foram as mudanças e transformações ocorridas no mundo do trabalho. Contudo, embora a alteração à burocracia e certa noção que esse cenário novo possibilita uma maior liberdade às pessoas, observa-se que essa flexibilização impõe novas relações de poder e de controle, ao invés de simplesmente abolir as regras do passado (SENNETT 1999).

A questão racial no Brasil convive com o mito de democracia racial, na qual se os negros se esforcem poderão usufruir dos mesmos direitos que os brancos. Entretanto, é notório que a desigualdade social no país se designa a partir de uma construção histórica caracterizada pela segmentação da sociedade, na qual o negro é o próprio produto do racismo(Almeida, 2018). Nesse sentido, a escolha pelo estudo acerca ocorreu pelo fato de que a população negra representa equivalentemente quase 54% da população brasileira, entretanto essa maioria é minoria no mercado de trabalho. De acordo com o Retrato de Desigualdades de Gênero e Raça, a posição dos negros no mercado de trabalho(figura 1) analisada a partir dos indicadores sociais, fica claro que estes se concentram em atividades mais precárias e com menores proteções sociais em relação a população

branca. No que se refere às mulheres negras, a situação é de maior precariedade em todos os indicadores analisados. Com o padecer da dupla discriminação faz com estas sejam vítimas do racismo e do sexismo, onde conseqüentemente dispõe-se de piores postos de trabalho, recebem menores rendimentos, e sofrem frequentemente de relações informais de trabalho.

**Figura 1-Distribuição de mulheres ocupadas, segundo posição na ocupação Brasil, 2003**

fonte: IPEA, 2003



De acordo com o gráfico elaborado pelo IPEA, verifica-se que as mulheres encontram-se concentradas, proporcionalmente, em trabalhos informais e precários em relação aos homens. Conforme a pesquisa, das mulheres ocupadas com 16 anos ou mais, 17% trabalham como empregada doméstica, sendo estas a grande maioria composta por mulheres negras. A condição mais desfavorável vivenciada pelas mulheres negras no mercado de trabalho, diz respeito às suas possibilidades de crescimento profissional. Esse grupo é a parcela mais pobre da sociedade brasileira, as que possuem a situação de trabalho mais precária, têm os menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego. Por outro lado, são as que têm maiores dificuldades de completar a escolarização, além de possuir chances ínfimas de chegar a cargos de direção e chefia.

Como discorre o IPEA (2011, p. 27)

Com as mudanças das últimas décadas, a inserção no mercado de trabalho continua sendo um fator central para a construção de identidade, a definição do padrão de sociabilidade e, sobretudo, para obter recursos que permitam suprir as necessidades básicas de forma autônoma. Especialmente, para as mulheres negras, o êxito da autonomia econômica é condição essencial para que se possa projetar uma vida de autonomia íntegra. Ademais, não somente a mulher negra, para a população negra o acesso ao mercado de trabalho é requisito para enfrentar uma realidade de pobreza e privação a que historicamente foi refutada. (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2011).

Sendo assim, a presente pesquisa busca através de entrevistas com mulheres negras, retratar as suas experiências de vida com o propósito em discutir a vida profissional, a partir da perspectiva dessas mulheres. Diante da presente conjuntura da sociedade brasileira, a vida profissional das mulheres negras parece não acontecer por escolhas próprias, ou mesmo por vida profissional sonhada. O trabalho acontece de forma urgente pelas necessidades do cotidiano, proporcionando a diminuição das chances de ter maior qualificação e conseqüentemente, de se empenhar para determinados cargos e posições. (Elizabete Dos Santos; Rosemeire Scopinho,2011).

Neste sentido, falar sobre a ascensão social da mulher negra no Brasil, é debater uma gama de fatores que influenciam nesta mudança de realidade, uma vez que a lógica do sistema capitalista e suas características de centralização e acumulação do capital provocam a miséria, a pobreza e o desemprego gerados por esse sistema. Além disso, a escassez de políticas públicas e a divisão sexual do trabalho acentuam essas desigualdades, fazendo com que fatores intersessionais como gênero e raça, determinam o lugar delas na sociedade.

Em virtude dessa inequidade, é imprescindível o assistencialismo do empoderamento feminino negro, no âmbito em desconstruir preconceitos acerca da mulher negra, através do enfrentamento de lutas perante a discriminação, dos esteriotipos, do preconceito, e na busca de valorização e igualdade.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo será abordado o referencial teórico, embasado na revisão da literatura sobre o tema de estudo, para a compreensão dos assuntos relacionados ao conceito de gênero e raça. Considero fundamental falar sobre diversidade e interseccionalidade, o que possibilita o revigoramento das questões ligadas a esses conceitos.

### 2.1 GÊNERO: EM BUSCA DA COMPREENSÃO

Durante muito tempo, os estudos sobre mulheres, em sua maioria, foram prisioneiros de uma dicotomia que limitou a compreensão dos processos relacionais, tensos, conflituosos, alinhados em torno do masculino e do feminino. Ato contínuo, feministas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada, utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção mais aprofundada, assim como relacionar com o vocabulário analítico (JOAN SCOTT, 1989).

Antes de conceituar o termo gênero, é preciso entender que todo conceito possui contexto histórico (GUEDES, 1995), e que há diferenças entre gênero e sexo. Enquanto sexo corresponde a seguir predisposições biológicas, o gênero se caracteriza por construções sociais (BUTLER, 2003). Similarmente, Calás e Smircich (1999) apontam que sexo é definido pela constituição biológica dos indivíduos, enquanto que o gênero é definido pelas vivências e pelas interações, sendo um produto social.

No sentido clássico, o termo “gênero”, é um feito na qual ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram de forma figurada os termos gramaticais, para conclamar traços de caráter ou traços sexuais. Para as mulheres, o termo “gênero” sublinhou o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades, assim como também para caracterizar as relações sociais entre os sexos, indicando as construções sociais acerca dos papéis inerentes aos homens e as mulheres, buscando desvendar a distinção entre a prática sexual e os papéis sociais (SCOTT, 1995).

No sentido gramatical, “gênero pode ser estabelecida como categoria que indica por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas. Há gêneros masculino, feminino e neutro”. No entanto, como enfatiza Scott (1989, p.2) “os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas significam, têm uma história”.

No seu uso mais recente, gênero parece ter surgido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. Como destaca Amaral (2005), a concepção de gênero começou a ser tratada durante a ascensão dos movimentos feministas que buscavam diferenciar as relações sociais do feminino e masculino e evidenciar a dominação patriarcal. Assim, no que diz respeito às reflexões que nascem a partir dele, temos como referência grandes feministas como Simone Beauvoir, Joan Scott, Sueli Carneiro, Judith Butler, Ângela Davis, bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill, para citar apenas alguns exemplos entre as mulheres que configuraram a luta feminista.

Com o surgimento do movimento das mulheres, teóricas feministas afirmam que gênero é uma interpretação sexual do sexo ou que o gênero é construído culturalmente, todavia, buscavam entender qual seria o mecanismo dessa construção. Contudo, para elas “gênero” indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual, visto que o termo refere igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade.

Ao que se refere às religiões, este teve um papel significativo acerca da configuração do feminino, dado que narrativas religiosas constituem ricas fontes acerca da posição da mulher na sociedade. Entretanto, religiões assim como outros estudos que tentam compreender e explicar a concepção da feminilidade, sofreram nas últimas décadas, de maneira significativa, os impactos do feminismo, seja como movimento, seja como pensamento. Confrontando gênero e cristianismo, com a revolução feminista, e principalmente com a inserção do movimento no interior das religiões, as mulheres questionaram justificativas de que “Deus criou a mulher da costela de um homem para que a igualdade fosse possível. Não criou da cabeça para que ela não se sentisse superior, nem dos pés para que ela se sentisse inferior”(Pollock, 2004, p.54). Desse modo, feministas buscaram compreender de que modo foi concebido o sexo feminino, questionando a criação de Adão, e todo o processo gerado em torno do masculino: o sopro de Deus e o barro, enquanto a Eva foi gerada de uma costela de Adão. (Pollock, 2004). Ao que tudo indica, a ideologia permanece há mais de vinte séculos com o imaginário social decorrente da ideia de que a mulher surgiu da costela do homem, e em virtude disso é por natureza inferior ao sexo masculino. Para a autora, outro fato que contribui para a adversidade da Eva e conseqüentemente da mulher, foi a sua fraqueza diante dos apelos da serpente. A autora enfatiza sobre essa questão, evidenciando que a mulher foi criada de uma forma simbólica e ilustrativa, e dela foi configurada como ajudante do Adão, cuja o destino foi ser enganada, e cair na transgressão. De acordo com Teixeira( 2012), assim se faz presente construção e a representação do homem superior a mulher, como também a

submissão da mulher desde o início dos tempos, considerando que livros bíblicos relatam a história colocando a mulher repetidamente na posição de pecadora, tendo de viver subordinada ao homem.

No que concerne a concepção de “gênero” enquanto categoria social, o movimento procura desnaturalizar a concepção de ser homem ou mulher, ou seja, algo que se dá de modo natural pelo biológico, uma vez que é possível compreender que a anatomia não é definidora do que é ser homem ou mulher, mas a cultura cria padrões, papéis, e concepções do que é ser homem e mulher. (MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, 2005).

No campo psicológico, os estudos de gênero buscam compreender a mulher perante a dominação patriarcal, sua constituição como sujeito e as predisposições advindas de ser mulher (ARRUDA, 2000). Como enfatiza Scott (1995), o objetivo do estudo sobre gênero é transmutar o ser mulher na sociedade. Para isso, é preciso descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, identificar qual o seu sentido, e como funcionavam para manter a ordem social.

Simultaneamente, se considerarmos a construção social dos gêneros vinculada a um processo mais complexo que compreende as várias dimensões de como a sociedade está estruturada, e que a cada intersecção de fatores se alteram a composição e a dinâmica da luta feminista, sugere que a raça traga subsídios de classe-gênero e esteja em um patamar de igualdade analítica. (Carla Akotirene, 2019). A pluralidade racial e a questão de gênero devem ser relacionadas, dado que, é importante trabalhar os direitos da mulher e o feminismo, bem como também o direito do negro e o combate ao racismo. Tendo em conta o cenário atual, abrangida por desigualdades de gênero e raça, é crucial combater as duas formas fundamentais de discriminação que cruzam a sociedade e o mundo do trabalho no Brasil.

### **2.1.1 Movimento Feminista**

Ao longo do século XX, o movimento feminista passou por diferentes momentos. Assim como outros movimentos sociais de luta das minorias, este se caracterizou ao longo da história pela sua particularidade: a luta pela conquista dos direitos das mulheres.

O principal objetivo do movimento foi, e tem sido, alterar as relações sociais de poder que se estabelecem em torno da fronteira do gênero, e que também configura os homens a posição hierárquica superior ao das mulheres. O movimento vem lutando também contra a sexualização da

mulher, principalmente da mulher negra, cuja foi usurpada desde da colonização, sofrendo consequências até os dias atuais. Sendo assim, feministas seguem compondo estratégias para alterar a posição de subordinação das mulheres na sociedade, uma vez que esta foi construída por um sistema opressor patriarcal.

O movimento feminista surgiu após a Revolução Francesa, a partir da necessidade da mulher de adquirir direitos igualitários trabalhistas e de cidadania, assim como já haviam os homens na época. Entretanto, ganhou visibilidade somente durante os movimentos sufragistas no início do século XX, em que mulheres brancas buscavam reivindicações de direito feminino ao voto (LUCENA, 2012).

A ascensão do feminismo é chamada de Primeira Onda, que posteriormente progrediu para as demais ondas durante as lutas. Mesmo com a Revolução Francesa, em 1789, a mulher ainda era tratada em segundo plano social. No entanto, com o surgimento do capitalismo, proporcionou um ambiente de protesto, dando espaço para o surgimento de movimentos sociais. Desse modo, surgiram as primeiras reivindicações feministas, em prol de direitos considerados básicos à cidadania: o voto, a participação na política e na vida pública.

No Brasil, o feminismo surgiu no século XIX, devido a condição da mulher brasileira, acompanhada das desigualdades sociais e econômicas do país. A sociedade era baseada na escravidão que oprimia tanto a mulher negra na sua condição de escrava, quanto a branca restrita às tarefas do lar. Nesse âmbito, as lutas das mulheres eram focadas em algumas carências extremamente significativas à época: direito à vida política, educação, direito ao divórcio e livre acesso ao mercado de trabalho. Sendo assim, a luta foi em prol da quebra do patriarcado colonialista, a ordem conservadora, e a dominação masculina. (DJAMILA RIBEIRO, 2017).

Posteriormente, surgiu a Segunda Onda Feminista, no início na década de 1960, estendida até a década de 1980. A distinção dessas duas ondas foi que enquanto a primeira se caracteriza pela conquista de direitos de votos políticos, no segundo momento as feministas buscavam suprimir a discriminação e a completa igualdade entre os sexos. As teorias da filósofa Simone de Beauvoir enriqueceu o movimento nesse período, analisando a representação da mulher na sociedade e denunciando o patriarcado na época. Os pressupostos do livro *O Segundo Sexo*, 1949, trouxe perspectivas históricas como provas de que o jeito de pensar da mulher era baseado em imposições sociais e culturais (SANTOS, 2010). Foi também na Segunda Onda onde novas questões surgiram, levando a uma pluralização do próprio movimento. Dentre elas surgiram novos debates como o

lésbico e o negro, servindo como base para o surgimento da Terceira Onda. Parafraseando a autora Bittencourt (2015, p. 202)

a partir de então, o próprio movimento feminista, também influenciado por outras organizações políticas e movimentos sociais, critica seu caráter burguês-liberal de outrora, fazendo recortes de classe e raça, relações de poder e transversalidade de opressões estruturais para além do gênero. Assim, elevam-se as vozes das mulheres negras e pobres subjugadas dentro do movimento.

No decorrer do período, feministas negras como Angela Davis e Patricia Collins, foram referência do feminismo negro, trazendo para dentro do debate feminista o termo gênero como categoria de raça e classe, apontando que questões da opressão das mulheres negras transcendem além do gênero, devido ao contexto histórico de escravidão, fazendo com que a mulher negra carregue outras questões que não atingem diretamente as mulheres brancas.

No Brasil, a Segunda Onda iniciou nos anos 1960, em um momento de crise da democracia, ganhando visibilidade em 1964 durante a ditadura militar. Em razão disso, as pautas eram além da valorização do trabalho da mulher. Segundo Djamilia Ribeiro (2017), a denominação da Segunda Onda no país foi “feminismo da resistência”, que emerge como consequência da resistência das mulheres à ditadura e relacionado ao feminismo de caráter internacional. Desde então, surgem os primeiros coletivos de feministas negras, no âmbito de abordar pautas acerca da interseccionalidade das mulheres negras no movimento. Desse modo, em 1922, nasceu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, diligenciando em prol da luta pelo voto feminino, educação e pelo direito do trabalho sem necessidade de autorização do marido. Como afirma a autora, o movimento feminista brasileiro da Segunda Onda pode ser entendido como “parte de um amplo e heterogêneo movimento, que articula as lutas contra as formas de opressão das mulheres na sociedade com as lutas pela redemocratização. (DJAMILIA RIBEIRO, 2017).

A Terceira Onda do movimento ocorreu a partir de 1990, transbordando com força sobre a desnaturalização de gênero. Nessa onda, as mulheres lutaram em prol dos paradigmas impostas nas outras ondas anteriores, e dos aspectos essencialistas do feminismo, bem como o conceito de feminilidade. A vista disso, o movimento é marcado por um composto de vários grupos de mulheres, com práticas e ações nas lutas. Buscou desvendar o conceito “mulher” enquanto categoria universal, ao reconhecer que as demandas das mulheres eram distintas devido à presença de elementos interligados como a classe e a raça, que diferenciam inteiramente as experiências vividas por mulheres. Segundo Ivone Caetano (2017, p. 8), assim, buscou-se compreender a subjetividade da mulher, reconhecendo as interseções entre marcadores de opressão, e discutindo-se

como essas combinações específicas se refletem no próprio ser "mulher". Portanto, entende-se a questão de gênero não mais como algo a ser isoladamente considerado, mas fundamentalmente ligado a questões como etnia, sexualidade, classe e afins, sob a perspectiva de que as desigualdades sociais são na verdade fruto de uma complexidade, oriunda de relações de poder.

## 2.2 FEMINISMO NEGRO

Como enfatiza hooks (2015), no início do movimento feminista, as pautas apresentadas com maior relevância eram aquelas diretamente ligados a mulheres brancas com alto nível de educação. Em virtude disso, mulheres brancas que dominavam o discurso feminista, permitiram que as teorias fossem idealizadas de acordo com as experiências delas. Simultaneamente, mídias massivas do patriarcado facilitaram o desdobramento de um feminino não plural, na qual as lutas eram voltadas somente pela perspectiva de mulheres brancas. Em virtude disso, como aponta Butler (1990), feministas negras criticaram a homogeneização da categoria mulher branca, de classe média e heterossexual, assim como os gays reclamavam a sua invisibilidade nas formulações das teorias do feminismo e nas agendas políticas desses movimentos. Nessa perspectiva, mulheres negras impuseram a importância em conceber recortes raciais e de gênero nas mobilizações de direitos humanos, bem como a importância de líderes femininos no movimento negro, uma vez que nesse movimento, embora as lutas eram em prol da igualdade racial, regularmente havia uma predominância de liderança masculina, não mostrando interesse em atuar nas lutas contra o sexismo. (BUTLER, 1990)

Da mesma forma, no interior do movimento feminista, mulheres não tinham uma abordagem intercessional e racial. Enquanto as mulheres brancas buscavam nivelar direitos civis com os homens brancos, mulheres negras carregavam o fardo da escravatura, sendo vítimas de subordinação, tanto da figura masculina, bem como a servil perante a mulher branca. Nesse sentido, como exprime Kimberle Crenshaw (2004, p. 8) :

A questão é reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero.” Ou seja que as experiências vividas pela mulher branca e pela mulher negra não se configuram de modo igual, pois a mulher negra carrega uma outra dimensão que é a cor da sua pele, que implica a discriminação racial e que, aliada às questões de gênero, configura determinado processo de preconceito e discriminação.

Corroborando, Angela Davis (2018, p. 21) aponta

O feminismo negro emergiu com um esforço teórico e prático de demonstrar que raça, gênero e classe são inseparáveis nos contextos sociais em que vivemos. Na época do seu surgimento, com frequência pedia-se as mulheres negras que escolhessem o que era mais importante, o movimento negro ou movimento de mulheres. A resposta era que a questão estava errada o mais adequado seria como compreender as interseções e as interconexões entre os dois movimentos

Embora o conceito “interseccionalidade” seja evidenciado pela jurista norte americana Kimberlé Crenshaw, na década de 1970, feministas negras norte-americanas remontam que o entendimento de que gênero, classe, raça e sexualidade não devem ser entendidos de forma isolada, mas sim entrelaçada e articulada. Com o surgimento do feminismo negro, o movimento ganha força introduzindo a interseccionalidade de modo a questionar a experiência de mulheres negra, no intuito de remodelar o movimento feminista, diante da perspectiva de gênero, raça, classe, agregando outros fatores sociais, como sexualidade, geração, religião e territorialidade (Angela Davis, 2016).

As feministas negras pioneiras, como Hazel Carby, bell hooks, Patrícia Williams, Kimberlé Crenshaw, Angela Davis, entre outras, procuraram romper com as limitações do feminismo branco e sua perspectiva de singularidade da luta feminista. As ações de ativistas negros nas décadas de 1960 e 1970, eram em torno de movimentos como o *Black Power*, no Estados Unidos, na qual demonstram a relevância de um discurso racial como um referencial político na construção da identidade e de reivindicações em prol de melhores condições de vida das populações negras. Desse modo, como aponta Silvana Silva(2019), as pautas do Movimento de Mulheres Negras, se caracterizam por cinco temas fundamentais:

1. Legado de uma história de luta;
2. Natureza interligada de gênero, raça e classe;
3. Combate aos estereótipos ou imagem de controle;
4. Atuação como mães, professoras e líderes comunitárias;
5. Política sexual.

figura 2- Angela Davis no debate político do movimento *black lives matter*



fonte: Politize (2019)

Diante do trajeto feminista, verifica-se que houve progressos em relação a autonomia das mulheres na sociedade. Entretanto, em relação às mulheres negras ainda há uma grande necessidade da criação de mecanismos dentro do próprio movimento para atender as lacunas que configuram discriminações das mulheres negras. Como enfatiza Djamila Ribeiro (2017), é necessário configurar o movimento, pois relações entre o feminismo e o movimento negro sempre foram complexas. É necessário ter uma conexão entre a teoria e a prática. A autora acredita que o aprofundamento do pensamento também é mediado pela militância, e que a inter-relação entre ambas é parte importante no desenvolvimento do pensamento feminista negro, além de também pontuar a sua própria condição de mulher negra como elemento importante para o desenvolvimento de suas ideias.

### 2.2.1 A Importância do Feminismo Negro na Sociedade Brasileira

Antes de entender as relações raciais na sociedade brasileira, é necessário obter o contexto histórico para melhor compreensão do cenário, cuja os negros estão sempre em desvantagem em relação aos não negros. Tais fatos podem ser compreendidos ao considerar a escravidão como um acontecimento que determinou e determina a discriminação raciais no Brasil.

A colonização no país começou a partir do século XVI, quando os portugueses instauraram o tráfico negreiro entre o período 1534–1850. No decorrer dessa exploração, milhares de pessoas, incluindo mulheres, homens e crianças, foram trazidas de matrizes africanas para trabalhar em regime de escravidão. Desde então, o país vivenciou mais de três séculos de escravatura, onde deixou estigmas inapagáveis que se refletem nas desigualdades raciais até os dias atuais. Quando a escravidão já se mostrava insustentável, extinguiu-se o tráfico negreiro. No entanto, o Brasil continuou exercendo a comercialização de escravos, na qual perdurou por mais trinta e oito anos no país. Ao final da abolição escravocrata, aproximadamente um milhão e meio de africanos foram colocados na sociedade brasileira sem nenhum suporte, fazendo com que os mesmos partissem das senzalas para as margens na busca de soluções de sobrevivência. Isso ocorre tanto no sentido físico (a periferia das cidades), quanto no social (a posição dos negros era a subalternidade). (RAFAEL MARQUESE, 2006)

figura 3- 130 anos de escravatura no Brasil;



Fonte: Geledés apud Fundação Astrojildo Pereira

Após o abolicionismo da escravidão, há uma inexistência de políticas de inserção de negros na sociedade, fazendo com que o mapeamento das condições de vida da população negra apontasse uma série de precariedade e carências. Dentre isso, o pensamento da modernidade/colonialidade contribui para reforçar uma ideia de que a cultura negra é considerada a cultura dominada e a cultura branca é a cultura dominante.

A importância de se estudar ações e conteúdos vinculadas ao feminismo negro no Brasil está ligada especialmente à sua relação com a opressão e discriminação. Conforme Patricia Collins (1989), como resultado do colonialismo, do imperialismo, da escravidão, do *apartheid*, entre outros sistemas de dominação racial, negros/as compartilham uma experiência comum de opressão. Como aponta a autora, para interromper esse sistema patriarcal, é necessário ter o ato de autoavaliação e de autodefinição, para transgredir essa lógica colonizadora. Para isso, a autodefinição envolve desafiar o processo político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. (PATRICIA COLLINS, 2016, p.102).

Em um contexto brasileiro, esses mesmos mecanismos devem ser adotados na sociedade brasileira, uma vez que esta foi fundada através de um processo de regime escravocrata que perdurou por séculos, concedendo privilégios às mulheres brancas no movimento. Como afirma Lélia Gonzalez, o movimento feminista no Brasil era formado por mulheres brancas e de classe média, que pregavam a emancipação e a inserção feminina no mercado de trabalho, todavia não abrangiam o contexto das mulheres negras e pobres que sofriam desigualdades, como por exemplo; baixíssimos salários para as trabalhadoras negras domésticas, que a maioria das vezes não tinha seguridade social, e nem garantias de legislação trabalhista. Sendo assim, a importância das mulheres negras se autoafirmar como feministas negras, diz respeito, ao que segundo Patricia Collins (2017, p 13),

Inserir o termo “feminismo negro” desestabiliza o racismo inerente ao apresentar o feminismo com uma ideologia e um movimento político somente para brancos. Inserindo o adjetivo “negro” desafia a branquidão presumida do feminismo e interrompe o falso universal deste termo para mulheres brancas e negras. Uma vez que muitas mulheres brancas pensam que as mulheres negras não tem consciência feminista, o termo “feminista negra” destaca as contradições subjacentes a branquidão presumida do feminismo e serve para lembrar as mulheres brancas que elas não são nem as únicas nem a norma feminista.

Ao refletir sobre a contribuição delas para a teoria feminista, mulheres negras têm um papel central em desempenhar na construção de uma nova narrativa na teoria feminista, sendo capaz de produzir uma contribuição única e valiosa. Nessa perspectiva, como aponta hooks (2015), isso dado que, esse grupo não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, como é o caso das mulheres brancas e dos homens negros, cuja podem agir como opressor ou ser oprimido. Ainda que os homens negros podem ser vítimas do racismo, o sexismo lhes é permitido agir como exploradores e opressores da mulher. Em relação às mulheres brancas, essas podem ser vítimas do sexismo, mas o racismo lhes permite agir como exploradores e opressores do povo negro. (Hooks, 1995). Sendo assim, conforme Gomes(2009), os movimentos negros feministas buscam um empoderamento das mulheres negras frente à “aceitação” de sua cor/raça, por meio de campanhas de autoafirmação, e como uma busca por políticas públicas voltadas às mulheres negras, assim como uma valorização da identidade e desconstrução de estereótipos e imaginários sociais acerca desse público. É fundamental compreender que o conceito de interseccionalidade seja aplicado nas análises conjunturais, para que sejam construídas práticas que visem o rompimento desse padrão eurocêntrico. Como consolida Carla Akotirene (2019, p.29), “a interseccionalidade nos permite partir de uma estrutura atravessada pelo racismo, capitalismo e cis heteropatriarcado, em suas múltiplas facetas, revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões”. A partir dessa perspectiva, permite a visualização das diferenças de desigualdades e privilégios entre mulheres, bem como no núcleo da população negra, que são sistematicamente ligadas às vivências de debilidades. Para isso, o protagonismo político das mulheres tem que ser configurado com força para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil. Como aponta Sueli Carneiro (2003), a ação política das mulheres negras vem promovendo:

- o reconhecimento da falácia da visão universalizante de mulher;
- o reconhecimento das diferenças intragênero;
- o reconhecimento do racismo e da discriminação racial como fatores de produção e reprodução das desigualdades sociais experimentadas pelas mulheres no Brasil;
- o reconhecimento dos privilégios que essa ideologia produz para as mulheres do grupo racial hegemônico;
- o reconhecimento da necessidade de políticas específicas para as mulheres negras para a equalização das oportunidades sociais;
- o reconhecimento da dimensão racial que a pobreza tem no Brasil e, conseqüentemente, a necessidade do corte racial na problemática da feminização da pobreza;

- o reconhecimento da violência simbólica e a opressão que a brancura, como padrão estético privilegiado e hegemônico, exerce sobre as mulheres não brancas.

Ademais, através de uma educação descolonial e feminista, possibilita ensinar a crítica e a autocrítica (um dos legados mais significativos do feminismo), para desalojar hierarquias (Louro, 2014, p. 128). Como enfatiza Djamila Ribeiro(2016) “numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais torna-se necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório.” (DJAMILA RIBEIRO, 2016)

### 2.3 TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ao longo da história da humanidade, dependendo do nível cultural e do estágio evolutivo de cada sociedade, o trabalho era visto de forma diferenciada, uma vez que a sociedade cria um conceito próprio, divide o trabalho em certas categorias e atribui-lhe um determinado valor. Contudo, quando esses valores modificam, a concepção do trabalho também modifica. Desse modo, o trabalho é um dos principais fatores que determina a sociedade, suas estruturas e o seu funcionamento, assim como a sociedade é um dos principais fatores que designa o trabalho (SUZANA TOLFO; VALMÍRIA PICCININI, 2007).

Partindo da Antiguidade, a relação trabalhista que existia entre as pessoas era a relação escravizador-escravo, dado que todo o trabalho na época era feito pelos escravos. Entre os pensadores da tradição Grega e Romana, a percepção acerca do trabalho possuía distinção entre o labor, o trabalho e a ação. O exercício do trabalho intelectual era visto como algo de superioridade, enquanto que o trabalho braçal era visto como um trabalho de inferioridade. Em razão disso, o trabalho foi entendido como atividade daqueles que haviam perdido a liberdade. De acordo com Ribeiro(1995, p 196), na qual relata as ideologias de Aristóteles aponta que na época

Todos aqueles que nada tem de melhor para nos oferecer que o uso de seu corpo e dos seus membros são condenados pela natureza à escravidão. É melhor para eles servir que serem abandonados a si próprios. Numa Palavra, é naturalmente escravo quem tem tão pouca alma e tão poucos meios que deve resolver-se a depender de outrem [...] O uso dos escravos e dos animais é aproximadamente o mesmo.

Nessa perspectiva, o trabalho nesse período era entendido como um fardo social, da falta de independência e de liberdade. Como afirma French (1992), a ocupação era referida a noção de maldição, punição, proporcionado a distinção dos indivíduos como homens livres e escravos.

Na Idade Média, algumas das características da Antiguidade permaneceram. A concepção do trabalho permaneceu de acordo com o nível hierárquico das classes. Todavia, com o desenvolvimento da igreja católica, o trabalho ganhou uma conotação religiosa. A educação passou a ser exercida nas escolas paroquiais para a classe dominante, cuja foi caracterizada por “ócio da dignidade”. Com isso, possibilitou que o trabalho ganhasse uma noção de sacrifício perante os serviços, visto que trabalhar e servir a Deus era estar dia após dia servindo ao ideal de uma vida após a morte. Em virtude disso, o trabalho passou a ser vinculada a religiosidade, cuja a sua organização tange fortemente as diretrizes da igreja, permitindo a incorporação do trabalho num sentido positivo na vida do homem. Pois, era visto como uma ação auto criadora, e o homem, em seu trabalho, como senhor de si e da natureza. (ROBERT KURZ, 1997)

No período da Modernidade, há uma mudança significativa acerca do trabalho. Como aponta Kurz (1997, p.3), o tempo passou a significar dinheiro, e conseqüentemente, o trabalho tornou-se uma atividade compulsiva e incessante para os homens dos tempos modernos. Com o advento da revolução industrial, êxodo rural, e concentração dos meios de produção, há uma grande desvalorização das manufaturas, permitindo que uma grande massa de população oferecesse a sua força de trabalho como moeda de troca. Com isso, possibilitou a acentuação da importância do trabalho, cuja a sua operacionalização modifica todo o sistema produtivo e de acumulação de riquezas, bem como altera a vida das pessoas de uma forma profunda. Em virtude disso, o trabalho assume um sentido mais pragmático, passando a ser caracterizado entre trabalho qualificado e trabalho não qualificado; produtivo e não produtivo; aprofundando a distinção entre trabalho manual e intelectual. Dessarte, surge uma nova forma de mediar e regular as relações de trabalho entre patrão e empregado, gerando um salário, cuja o trabalhador passa a receber em troca da sua força de trabalho. Assim, para a grande maioria das pessoas surge o emprego como um fenômeno da modernidade, pois o mesmo passa a ser um critério que define a significação social dos indivíduos. Nesta lógica, todas as atividades dos homens passaram a ser mercancia, na qual influenciou várias esferas da sociedade. (KURS, 1997)

Na Contemporaneidade, com o avanço tecnológico, a automação e as mutações organizacionais, surgem novas dimensões de trabalho. Mediante a transformação da sociedade capitalista, ampliou a complexidade das relações de trabalho estabelecidas, possibilitando novos

padrões de organização e gerenciamento. Com a produção de alta escala, teve a substituição dos padrões rígidos Taylorista/Fordista por padrões ajustadas como o Toyotismo, cuja propõe a flexibilização da produção, operando com estoque mínimo, e se adaptando a atender com rapidez às novas exigências do mercado, implicando na flexibilização e na eliminação dos direitos trabalhistas (Antunes 2000). Embora esse novo modelo permite maior liberdade das pessoas, é inequívoco que essa flexibilização impôs novas relações de poder e de controle, impactando diretamente no modo de viver e de construir como sujeitos, provocando modificações devastadoras na vida do trabalhador, como por exemplo, nos direitos, na educação, no lazer e na vida privada, acentuando, cada vez mais, a concentração do capital para um número bastante reduzido, e a pobreza se ampliando gerando em larga escala as contradições sociais (Sennett, 1999). Com isso, surgem os trabalhos precários e o desemprego estrutural, resultantes da história de política social e processo de acumulação capitalista. (Antunes, 2000, p. 37). Como exprime o autor

No que diz respeito ao mundo do trabalho, pode-se presenciar um conjunto de tendências que, em seus traços básicos, configuram um quadro crítico e que têm direções assemelhadas em diversas partes do mundo, onde vigora a lógica do capital. E a crítica às formas concretas da dessociabilização humana é condição para que se possa empreender também a crítica e a desfetichização das formas de representação hoje dominantes, do ideário que domina nossa sociedade contemporânea.

Com a Revolução Industrial, o regime econômico de produção capitalista vem progressivamente adquirindo múltiplas facetas, das quais geram novas e persistentes a “expansão do trabalho parcial, temporário, precário, informal, terceirizado, que marca a sociedade dual no capitalismo”(Antunes,2000 p 51). Sendo assim, pode-se afirmar que existe um sistema contraditório nas relações de trabalho, dado que de um lado, reduz o operariado industrial, em "decorrência do quadro recessivo, quer em função da automação, da robótica e da microeletrônica, gerando uma monumental taxa de desemprego estrutural [...]" (Antunes, 2000, p.52). Por outro lado, surge a subproletarização do trabalho, os novos postos de trabalho, parcial, "terceirizado", subcontratado, os quais tomam forma de relações informais de emprego. É a "precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais vigentes ou acordadas e a conseqüente regressão dos direitos sociais, [...] configurando uma tendência à individualização extrema da relação salarial" (BIHR apud ANTUNES, 2000, p.52).

### 2.3.1 Racismo Estrutural e Institucional

Esta seção é baseada no livro “O que é racismo estrutural?”, na qual despertou a reflexão acerca dos conceitos de racismo como fundamento estruturador das camadas sociais. A importância de compreensão dos fatos históricos, sociais, políticos, econômicos, entre outros, são de relevância para entender o presente cenário do país.

Precedentemente, em conformidade com Telles(2002) a respeito da noção de raça, é inequívoco que não existem raças no sentido biológico da palavra, uma vez que existem variações genotípicas entre os indivíduos do que entre as "raças". Entretanto, a discussão acerca dos conceitos sobre raça, parte da premissa de uma imaginário social, mutável através de tempo, e entre os contextos históricos sociais sustentada por uma ideologia de supremacia racial. Como foi dito anteriormente, o Brasil foi dos últimos países a abolir a escravatura, onde trouxeram profundas marcas para a sociedade contemporânea. Sendo assim, é fundamental compreender ações e conteúdos relacionados a raça e gênero, uma vez que esses conceitos estão ligadas com a relação de opressão e discriminação. Como afirma Benedita (2008), após a abolição, a libertação representou apenas a igualdade jurídica, ou seja, a igualdade formal, cuja os trabalhadores passaram a ser livres, todavia sem nenhuma política econômica e social que integrasse essa liberdade. (MARIA BENEDITA, 2008)

A generalização de atributos associados à cor da pele, ao tipo de cabelo e a feição da negritude, foi um dos pilares em que se fundamenta a exclusão racial da maioria de homens e mulheres negras. Conforme Telles (2003), a aparência foi um dos planos em que se materializou a situação de desigualdade entre brancos e não-brancos desde o processo de formação no Brasil. Estruturado e perpetuado na sociedade brasileira, o racismo se sustenta a partir da desvalorização e restrição de acesso dos negros a oportunidades de ascensão social, através de práticas e políticas, que ao longo da história contribuí para a marginalização da população negra.

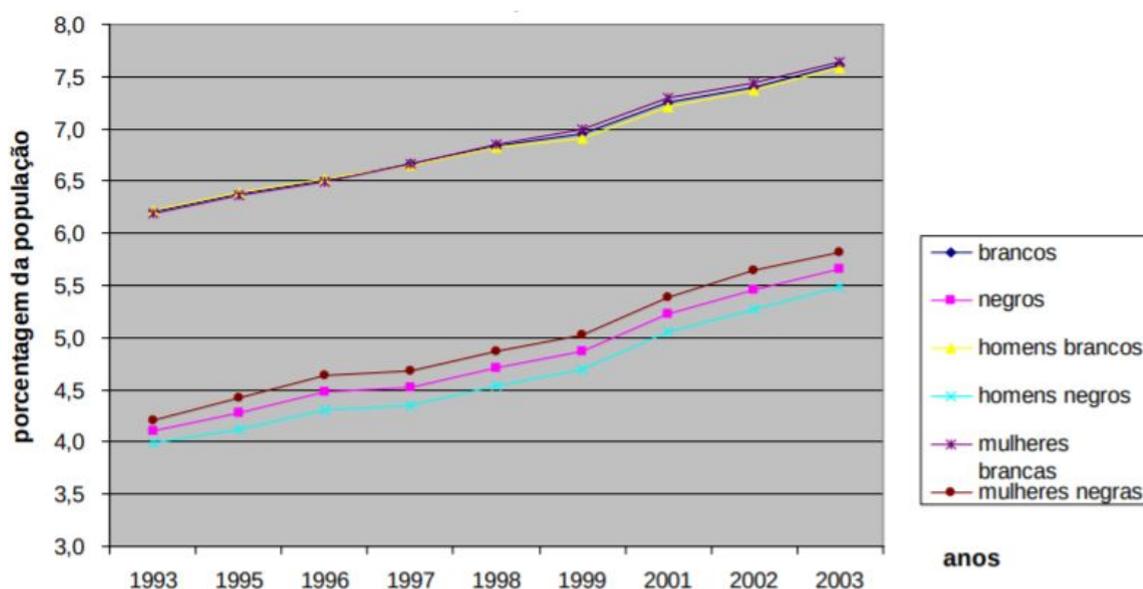
Embora as relações étnico-raciais ainda não sejam um assunto discutido abertamente entre os brasileiros, percebe-se que a desigualdade racial no país é estarrecedora. Como expressa (Kilomba, 2020.p 77), é importante evidenciar que “o racismo faz parte da estrutura social brasileira, e se configura quando pessoas negras são excluídas na maioria das estruturas sociais e políticas”. Correlativamente, Silvio Almeida(2018, p. 27), destaca que

a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições

são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos

Como discorre o Retrato das Desigualdades de gênero e raça, um das práticas mais importantes que a discriminação se faz presente na vida das pessoas é o momento de socialização via inserção escolar. Conforme o gráfico abaixo (figura 7), embora houve um crescimento na média dos anos de estudo da população em geral ao longo da década 1995-2003, o diferencial entre os brancos e os negros é irrelevante. Em um sentido numeral, se em 1993 esse diferencial era de 2,1 beneficiando o branco, em 2003 esse índice diminuiu apenas para 1,9. Em relação às pessoas com 15 anos ou mais de idade estas diferenças são ainda menores (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2003).

figura 4- Médias de anos de estudos-pessoas com mais de 15 anos de idade



fonte: IPEA (2003)

Em relação ao mercado de trabalho, os dados disponíveis sobre as desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho de acordo com IPEA (2003), apontam para uma pior situação de negros e mulheres em praticamente todos os indicadores analisados. Conforme a pesquisa, para as mulheres negras, por meio da dupla discriminação, encontram-se concentradas nos piores postos de trabalho, recebendo menores rendimentos e sofrendo relações informais de trabalho. Também são as que mais sofrem com a taxa de desemprego. Conforme o gráfico abaixo (figura 8), entre a década

de 1993-2003, uma análise feita a partir do cruzamento de dados por raça e sexo, revela que entre homens brancos e mulheres negras, existe uma diferença de quase 9 pontos percentuais nas suas taxas de desemprego. Enquanto para os homens brancos esse valor é de 8,3%, para as mulheres negras ele sobe para 16,6%.

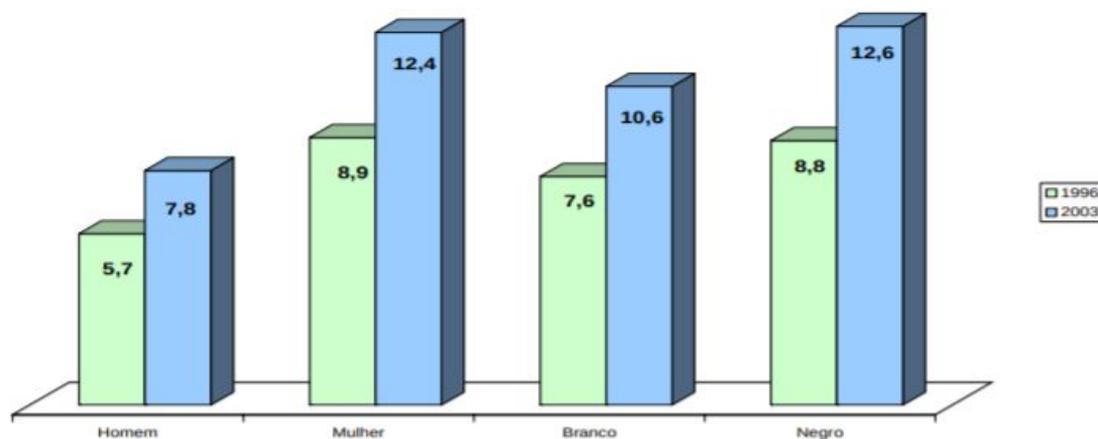


figura 5- Taxa de desemprego, por raça cor e sexo no Brasil, 2003

fonte: IPEA (2003)

Os indicadores acerca das condições de vida da população negra têm sido analisados e utilizados para demonstrar a existência do racismo em diferentes esferas da sociedade. Em relação ao mercado formal de trabalho, os índices retratam a existência de uma norma padrão de trabalhador: homem e branco. A análise de Henriques (2001), entre 1992 a 1999, corrobora, destacando que os principais motivos da pobreza estavam relacionados, principalmente, à desigualdade na distribuição de recursos e, não propriamente, à escassez. Segundo o autor, o Brasil não é um país pobre, mas injusto, dado que quem nasce negro tem grande probabilidade de crescer pobre, dado que esta população concentra-se no segmento de menor renda per capita do país. Tendo em conta esses dados, é manifesto que as diferenças que se encontram na sociedade brasileira, é oriunda de todo o processo discriminatório na qual as condições de vida de cada raça estão associadas, principalmente, às condições de acesso à educação e ao mercado de trabalho. De acordo com Santos e Telles (2003), existe um triplo revés, na qual os negros que lutam por um espaço na sociedade: não conseguem o mesmo nível e qualidade de escolaridade; não possuem capital e rede

de contatos familiar que auxilie em melhores colocações; passam por discriminação racial no mercado de trabalho. Todavia, essa realidade onde o trabalho livre (força de trabalho negra) ainda convivia com uma estrutura de trabalho escravo, criou dificuldades para a valorização e diversificação do trabalho livre no Brasil. (SANTOS E TELLES, 2003).

Desse modo, tendo em conta essas estruturas, conforme Almeida (2018, p. 22), “o racismo pode ser estabelecido como um mecanismo sistemático de discriminação, que tem como fundamento a raça, e que se manifesta por meio de praticas conscientes ou inconscientes que desfavorecem e privilegiam os individuos, de acordo com a sua origem racial a que pertencam”. Na perspectiva do racismo institucional, conforme Almeida (2018, p.30), “as instituições são a materialização das determinações formais na vida social” e derivam das relações de poder, conflitos e disputas entre os grupos que desejam admitir o domínio da instituição. Desse modo, evidente que as instituições têm uma relevância central do abismo racial, concebendo privilégios aos brancos, mantendo as suas vantagens em detrimento ao negros. Contudo, “a manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem "normal" e "natural" o seu domínio”. (ALMEIDA, 2018. p. 31). Sob essa perspectiva, o racismo não se resume meramente a comportamento individual, mas sim como resultado do desempenho das instituições, tendo como base a raça. Como isso criam-se disparidades sociais entre brancos e pretos fazendo com que os negros não ocupem determinados espaços da sociedade. Nessa perspectiva, é fundamental a incrementação de políticas públicas afirmativas, que promovam o acesso de pessoas negras aos níveis superiores de ensino onde conseqüentemente possam ter uma qualificação profissional, a fim de interromper com esse ciclo vicioso de discriminação .

### **2.3.2 Mulher Negra e Trabalho**

De acordo com Perrot (2007), o trabalho da mulher esteve presente em todas as épocas históricas, embora nem sempre exercessem “profissões”. Sendo assim, pode-se dizer que a mulher é um sujeito ativo no processo da construção da história. (MICHELLE PERROT, 2007).

É categórico que com o avanço do movimento feminista, mulheres vêm conquistando o seu espaço paulatinamente no meio em que estão inseridas, em virtude de quebras de paradigmas impostas pela sociedade. A consolidação da mulher no mercado de trabalho ocorreu com o advento

da Primeira e Segunda Guerra Mundial, possibilitando que as mulheres partissem da esfera privada para a esfera pública. Com a inserção feminina no mercado, o trabalho deixou de significar exclusivamente renda familiar complementar, passando a se tornar, como enfatiza Gomes(2005), uma mudança social de grandes proporções, uma vez que envolve transformações na expectativa de vida.

Entretanto, apesar do avanço no movimento feminista, como enfatiza Ângela Davis(2016), mulheres negras têm estado dolorosamente familiarizados com a realidade da privação econômica desde os tempos da escravidão. Com o advento da escravatura, a condição de submissão das mulheres negras perdurou em vários âmbitos da sociedade. Assim, fruto de um processo histórico de racismo, mulheres negras são vítimas sistemáticas de desigualdades socioeconômicas, como desigualdade de salário, de renda, de oportunidades e de propriedade, determinando o perfil de privilégios e desvantagens nas sociedades até os dias atuais.

No Brasil, as reivindicações pelos direitos das mulheres negras com relação ao trabalho tiveram suas primeiras manifestações na década de 1940. Nesse período, a imprensa negra era voltada ao conteúdo do universo masculino negro, abdicando de qualquer intervenção e inclusão de gênero. Como enfatiza Silvana da Silva(2019),

foi por meio do jornal *Quilombo, vida, problemas e aspirações do negro* que a questão das mulheres negras foi abordada na época, em um retrato que foi o início das mobilizações de gênero e raça no Brasil. Depois dessas primeiras manifestações na mídia impressa, ocorreram outras por meio de congressos nacionais e das empregadas domésticas. O trabalho doméstico era e ainda é a área que mais abrange mulheres, principalmente as negras, por uma questão histórica de falta de oportunidades que coloca essas mulheres em serviços operacionais. Foi a partir de todo esse processo de reconhecimento de grupos que reivindicam pautas específicas que surgiram organizações de lideranças negras femininas

É importante destacar que um trabalho exercido por mulheres majoritariamente negras é o trabalho doméstico, uma vez que por diversas ocorrências acaba sendo sua única opção devido às dificuldades de inserção no mercado de trabalho e por sua baixa escolaridade.

De acordo com IPEA (2009), o setor de serviços apresentou um aumento expressivo, tanto para os homens, quanto para as mulheres, embora seu detalhamento pondere algumas peculiaridades. Como aponta a pesquisa, há uma clara segmentação ocupacional, vinculada ao gênero e raça. Em relação às mulheres, especialmente as negras, estas estão mais concentradas no setor de serviços sociais (cerca de 34% da mão de obra feminina), grupo que abarca os serviços de

cuidado em sentido amplo (educação, saúde, serviços sociais e domésticos). Conforme o estudo da ONU (2011, p. 7)

A categoria dos trabalhadores domésticos é formada por aproximadamente 7 milhões de profissionais, sendo que, entre as mulheres, 61,7% são negras. Historicamente, o trabalho doméstico é a principal porta de entrada das mulheres negras no mercado de trabalho e é onde a violação de direitos é mais evidente: praticamente 75% das trabalhadoras não têm carteira assinada.

O emprego doméstico é uma das formas mais antigas de trabalho assalariado, exercido majoritariamente pela mão de obra feminina, tornando uma profissão sucessiva, ou seja, passando de geração para geração. A razão de uma grande parcela de mulheres negras estarem inseridas no setor de serviço doméstico diz respeito a uma herança escravista da sociedade brasileira, assentado numa construção de um cenário de desigualdades, cujas mulheres negras têm menor escolaridade e maior nível de pobreza, de baixos salários, e com poucas opções de emprego.

É importante perceber que a sociedade brasileira é racista e machista, o que faz com que mulheres negras sejam duplamente menosprezadas. Quando se combinam as desigualdades de gênero e raça, percebe-se que as diferenças se acentuam. Como enfatiza Barros(2014), por conta da cor, que passou no período pós-colonial a marcar a diferença entre os sujeitos, os estereótipos negativos a aparência da mulher negra contribuem para que as mesmas, além de sofrer a discriminação racial também sofrem também com a discriminação de gênero. O olhar sobre o retrato da mulher negra numa sociedade estruturada pelo racismo e sexismo, criam estigmas que estão ligados ao modo como a mulher negra é representada na sociedade. Por mais que a sociedade sofreu mudanças e transformações políticas, econômicas e sociais, as marcas da desigualdade racial permaneceram praticamente intactas. Na sua grande maioria, este grupo encontra-se em bairros populares, vivendo em situações precárias, sendo alvo constante de agressões baseadas no gênero, intensificadas através das disparidades econômicas e sociais.

Conforme o Instituto de Pesquisa Econômico Aplicada (2009), enquanto apenas 1% dos homens ocupados eram trabalhadores domésticos, essa proporção culminou em 17% das mulheres, o que representa cerca de 6,7 milhões de trabalhadoras. Em contrapartida, este serviço é ainda mais ocupado para as mulheres negras, sendo responsável pelo emprego de 21,8% dessas trabalhadoras, frente a 12,6% das brancas. Como demonstra um estudo de 2018 realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com a ONU Mulheres, demonstram históricos do aumento do trabalho doméstico entre 1995 a 2015, enfatizando que a inserção de mulheres negras nessa profissão aumentou exponencialmente. Como aponta a Organização Internacional do

Trabalho (OIT), o trabalho doméstico representa o núcleo duro do déficit de trabalho. Os grupos que ocupam esse cargo são os mais vulneráveis, além de representar uma parte significativa da forma de trabalho global informal. Em relação a remuneração, de acordo com a ONU (2011), o rendimento médio das mulheres negras, em 2009, era equivalente a 40% do rendimento dos homens brancos, enquanto o das mulheres brancas equivalia a 68% do rendimento dos homens brancos. Ademais, no mesmo ano, apenas 24,6% das negras contavam com carteira assinada, frente a uma taxa de 29,3% para as mulheres brancas. (ONU, 2011)

Relativamente a desigualdade remuneratória, as trabalhadoras negras ganhavam, em média, R\$364,80, enquanto que as trabalhadoras brancas, R\$421,60 mensal. Essa diferença é menor para o grupo das que possuem carteira assinada, o que demonstra a importância da formalização do trabalho, assim como políticas de valorização do salário mínimo, como estratégias de enfrentamento às desigualdades raciais, e superação de pobreza. (IPEA, 2009).

Categoricamente, a Organização Internacional do Trabalho, aprovou a Convenção n.189, na qual garante trabalho convencional para trabalhadoras/ es domésticas/os. Essa aprovação foi um marco para o Brasil, sendo que o trabalho doméstico é uma ocupação majoritariamente exercida por mulheres, especialmente de mulheres negras, das quais são as que mais sofrem com a precarização do trabalho. Com a asseguarção ao acesso de direitos a trabalhadoras domésticas garantidas pela Constituição Federal, possibilita uma amenização das condições de desvalorização da força de trabalho, exploração e vulnerabilidade social, a que se encontram sujeitas. Além do mais, mediante esse decreto, significa “reconhecer e valorizar a importância do serviço doméstico prestado para a reprodução social, gerando riquezas na economia, e para a organização da sociedade nos moldes que hoje se conhece”. (LUANA PINHEIRO E NINA MADSEN, 2011).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No capítulo 3 serão abordados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da presente monografia, a fim de alcançar os objetivos propostos pela pesquisa. De acordo com Cervo et al. (2007, p. 27), “entende-se por método, o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade”. A metodologia de pesquisa torna-se indispensável para a boa qualidade e confiabilidade do trabalho científico, uma vez que valida a pesquisa quanto ao alcance dos seus objetivos, além de integrar o delineamento da pesquisa, as técnicas de coleta e análise de dados e limitações do estudo.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Conforme Lakatos e Marconi (2007, p. 43) a pesquisa científica pode ser considerada como “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Para alcançar os objetivos desta monografia, buscou-se utilizar uma abordagem qualitativa, dado que esta pesquisa possui dados não mensuráveis como sentidos, percepções, comportamentos e motivações dos pesquisados. Como aponta Gil (2007), pesquisas qualitativas apesar de não ser estatisticamente representativa, desempenham com singularidade seu papel nos estudos sociais à medida que investigam em profundidade. Correlativamente Minayo (1995, p.21-22), aponta que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

No que concerne ao método, esta pesquisa optou pelo método estudo de caso, na qual Yin (2010, p 39), aponta

(...) o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de uma contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.

Nesse sentido, partindo da premissa método estudo de caso, esta pesquisa teve o intuito em basear nas experiências de vida de mulheres negras, no âmbito em debater a concepção de vida

profissional sob a perspectiva dessas mulheres. Ainda de acordo com os objetivos traçados no trabalho, optou-se por uma pesquisa descritiva, na qual Cervo, Bervian e Silva (2007, p.61), aponta que a pesquisa descritiva se caracteriza como aquela que observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. Nessa perspectiva, a presente pesquisa tenciona observar e descrever as características da realidade de vida dessas mulheres, de modo proporcionar uma análise mais profunda sobre a perspectiva de vida profissional de mulheres negras.

### 3.2 COLETA DE DADOS

Dado que esta pesquisa é fundada a partir de um estudo de caso, a coleta de dados se embasou a partir da definição dos sujeitos da pesquisa a serem entrevistados, de modo contemplar os objetivos específicos estabelecidos deste trabalho de conclusão de curso. Sendo assim, estabeleceu-se como sujeitos da pesquisa mulheres negras que representam essa realidade de vida profissional, a partir do método bola de neve na qual Wha (1994), aponta que essa técnica é uma cadeia de informantes com amostra não probabilística, utilizada em pesquisas sociais cuja os participantes iniciais de um determinado estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). Esse “ponto de saturação” é atingido somente quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa. Nesse entendimento, utilizou-se a técnica bola de neve para alcançar os sujeitos da pesquisa, com base nas indicações de uma mulher negra por proximidade, a qual indicou a próxima entrevistada e assim sucessivamente, até que os objetivos deste trabalho foram alcançados. (WHA 1994, p. 332)

De modo contemplar os objetivos traçados, optou-se pela técnica história oral, na qual segundo Spindola e Santos (2003, p 120), “parte da premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores”. Através desse técnica, possibilita ao pesquisador familiaridade com diferentes memórias, as quais constituíram no desenvolvimento do indivíduo tanto pessoal como profissionalmente, como também permitem ao indivíduo pesquisado o estabelecimento de um diálogo interior com seu próprio eu, tomando consciência sobre sua existência e compreendendo, assim, sua trajetória de vida (Nicole Maccali, 2013). Nesse entendimento, a pesquisa utilizou dessa técnica, no âmbito em conhecer a história de vida dessas

mulheres, com o intuito de enfatizar a perspectiva de vida profissional das mesmas, de modo a problematizar a universalidade de planejamento da vida profissional.

Para a coleta de informações com base na história oral, a pesquisa empregou o instrumento entrevista semiestruturada, de modo a escutar relatos de história de vida de mulheres negras. Conforme Minayo (2010, pág. 261), essa técnica para a coleta de dados é a estratégia mais utilizada no trabalho de campo, ressaltando o seguinte conceito:

(...)é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo.

A preferência pela entrevista semiestruturada está relacionada à diretividade perante os sujeitos, deixando-as livres para discorrer sobre o assunto, fazendo apenas interferências pontuais uma vez que através dessa técnica possibilita uma maior liberdade de desenvolvimento de perguntas. As perguntas abertas permitem uma melhor identificação na atitude, opinião, motivação e significação do pesquisado. Como vantagem, essa técnica possibilita uma elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. (Minayo, 2010). Logo, através do instrumento entrevista semiestruturada, possibilita um diálogo proveitoso com essas mulheres, direcionando-as a voltarem ao passado para recordar fatos relevantes da vida delas. As perguntas foram direcionadas para mulheres brasileiras, autodeclaradas pretas ou pardas, seguindo a classificação de identidades étnico-raciais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

A coleta de dados foi baseada em um roteiro aberto da entrevista, na qual continha perguntas sobre infância, educação, familiares, sonhos profissionais, empregos adquiridos e as suas dificuldades, e por fim a perspectiva para o futuro do trabalho. Os nomes das mulheres foram alterados de modo a preservar a identidade das entrevistadas. Sendo assim, utilizou-se nomes fortes do movimento feminista negro de modo homenagear esse movimento.

### 3.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A primeira limitação prende-se devido ao cenário pandêmico Covid-19, impossibilitando que as entrevistas fossem presenciais em virtude do isolamento social, e delimitando a quantidade

do número de entrevistas para a presente pesquisa. Sendo assim, as entrevistas foram gravadas, feitas via redes sociais: Google Meet e Whatsapp, com uma duração de 60 minutos.

A segunda limitação prende-se com o número de participantes das entrevistas. Das seis entrevistadas, somente cinco foram empregadas no trabalho, uma vez que a história de vida de uma das entrevistadas não se adequa ao foco do estudo.

### 3.4 ANÁLISE DE DADOS

Conforme Marconi e Lakatos (2004), a análise de dados é uma das fases mais importantes da pesquisa, uma vez que a partir dela serão apresentados os resultados e a conclusão da pesquisa., ou mesmo a partir desses resultados, poderão deixar intrigas para futuras pesquisas. (MARCONI & LAKATOS, 1996). A análise de dados enquanto etapa do processo de investigação científica, configura-se como fundamental, uma vez que a tentativa de identificar especificidades pode significar melhores condições para o desenvolvimento de novos estudos, proporcionando um melhor e maior entendimento conceitual do processo, alinhado aos respectivos paradigmas. (Enise Teixeira, 2003).

Com base nas histórias de vida das cinco mulheres negras, realizou-se uma análise qualitativa, a partir da transcrição( apêndice 1) e a interpretação do material, a fim de identificar os pressupostos em comum na fala dessas mulheres. As entrevistas foram lidas e relidas diversas vezes, com o propósito em encontrar categorias em comum na história de vida dos sujeitos. A seção da fundamentação teórica foi fundamental no suporte para o configuração dessas categorias, dado que a literatura já apontava lacunas para estas questões.

A partir das falas dos sujeitos, foi possível eleger categorias conexas, nas quais serão discutidas na seção análise das entrevistas, com base nos fragmentos correlativos das histórias de vida dessas mulheres.

## 4 ENTREVISTAS

Neste capítulo serão discorridos um breve resumo sobre a história de vida das entrevistadas. As entrevistas foram escritas em terceira pessoa, de modo facilitar a compreensão das suas trajetórias de vida. Os nomes das mulheres foram alterados como Antonieta de Barros, Dandara, Marielle, Tereza de Benguela, e Benedita da Silva, de modo a preservar a identidade das entrevistadas. Dentre elas, duas nasceram em Salvador-Bahia, uma em São Luís Maranhão, uma nascida em Florianópolis, Santa Catarina, e por fim uma nascida em Ponta Grossa, Paraná. A faixa etária das mulheres é entre 26 e 42 anos de idade.

### 4.1 ANTONIETA DE BARROS

Antonieta de Barros é uma mulher baiana de 32 anos de idade, natural de Salvador. Foi criada pelos pais, pai homem negro de subúrbio, e a mãe considerada mulher branca no Salvador. Inicialmente os pais dela tinham uma condição financeira estável. Eram de uma família classe média baixa, na qual os pais trabalhavam numa siderúrgica. Posteriormente, quando Antonieta nasceu, a mãe teve que abandonar o trabalho em função de cuidar dela. Em seguida, o pai foi demitido e teve que trabalhar por conta própria. Segundo Antonieta, a sua infância foi marcada pela escassez de tudo. Pelo fato do pai não conseguir continuar a pagar o condomínio, Antonieta e a família tiveram que mudar para periferia do Salvador para reduzir os custos e dar continuidade aos estudos. O pai teve que vender o apartamento para comprar uma casa numa periferia no âmbito de economizar dinheiro. Mesmo com as dificuldades, Antonieta e os irmãos estudaram numa escola privada do bairro. Para possibilitar que ela e os irmãos continuassem os estudos, a mãe da Antonieta teve que fazer bicos para sustentar a casa. Ela vendia quentinha, geladinho, e uma tia da mãe trabalhava como faxineira para ajudar nos estudos da Antonieta.

Na escola, ser negra era um marcador de relações na vida da Antonieta. As crianças lhe identificavam como diferente, segundo ela, era necessário estar no lugar de subserviência para ter amizades. Antes do ensino médio a entrevistada tinha o desejo em fazer odontologia, entretanto, por ser um curso caro, a mãe falou que seria muito difícil de fazer esse curso mesmo que ela se esforçasse, e mesmo que ela passasse na universidade federal, uma vez que seria muito difícil terminar os estudos porque os pais não teriam condições de pagar todos os instrumentos que o curso de odontologia exigia. Sendo assim, Antonieta se formou em pedagogia, fez mestrado e doutorado na mesma área.

Atualmente, Antonieta vive em Fortaleza com a nova família. Mãe de uma recém nascida, ela está exercendo uma carreira como servidora pública e tem prazer no que faz. Para Antonieta, as dificuldades nessa profissão é ser uma professora negra numa instituição de maioria branca, cuja muitas vezes é colocada nesse lugar da professora negra que fala somente sobre questões raciais e não ser lembrada em temáticas de outras pesquisas. Uma outra dificuldade é a legitimidade que o estudante lhe dá quando ela entra na sala por ser jovem negra. Para eles é estranho uma negra ser professora doutora, e jovem negra.

Para o futuro de trabalho, Antonieta afirma que o futuro dela já chegou porque sempre recorda de todas as instabilidades da vida profissional que os seus pais tiveram. Uma outra aspiração da Antonieta é ter tempo para estar com a filha dela. Uma das coisas que ela mais preza é ter um trabalho que não explore a ponto dela não conseguir cuidar dos entes queridos. Ela receia em ser condicionada a esse passado escravocrata que tirou a população negra, precisamente as mulheres negras, a possibilidade de crescer em todas as instâncias sociais. Como aponta Antonieta, muitas mulheres negras tiveram subtraídas esse direito, esse lugar de cuidado dos seus, tiveram que cuidar dos filhos dos outros.

## **4.2 DANDARA**

Dandara é paranaense, de 31 anos de idade, nascida em Ponta Grossa. Foi criada pelos pais, uma família classe média. Na época os pais eram casados até os seus 12 anos de idade. Na altura a mãe trabalhava de telefonista e o pai trabalhava no órgão público de telefonia. Por conta disso, Dandara e o irmão tiveram benefícios desde criança, como estudar em um colégio particular. Entretanto, quando a empresa foi privatizada, todos esses benefícios foram cortados, fazendo com que os pais fizessem um esforço maior para permanecê-los num colégio particular.

Na infância, Dandara afirma que tinha poucos amigos, tanto no bairro como na escola. Somente quando ela tinha 8 anos formou um grupo sólido amigos. Quando se mudou para um colégio particular mais elitizado, em razão do irmão precisar se preparar para o curso técnico, Dandara afirma que foi uma época muito traumática. Ela não se sentia pertencida ao grupo uma vez que era negra e “diferente” dos demais. Segundo Dandara, na escola ela sofreu vários bullying, como por exemplo receber apelidos de “urubu”. Atualmente a entrevistada afirma que por conta da terapia conseguiu superar esses traumas.

Em relação a vida profissional, Dandara tinha o sonho em fazer psicologia ou medicina veterinária. Contudo, na época esses cursos não tinham na cidade dela e o pai desde muito cedo lhe disse que não teria condições para sustentar ela numa outra cidade. Dandara também desde pequena queria trabalhar com comunicação. A referência que ela tinha era “as paquitas”, todavia por não se sentir representada naquele grupo de mulheres majoritariamente loiras e brancas, acabou desistindo do sonho.

Atualmente Dandara se formou em tecnologia em alimentos na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Durante a sua vida profissional ela trabalhou em várias organizações alimentícias como fast food, hospital rede Marista, barismo, entre outros. As dificuldades encontradas nessas empresas estão relacionadas ao racismo e machismo. Segundo Dandara, em alguns empregos esteve perto de pedir demissão devido a vários acontecimentos dessa categoria. Por aparentar ser mais nova, muitas vezes ela acreditava que isso era a razão por não ter credibilidade, hoje em dia ela enxerga que isso pode ser também por causa da cor da minha pele.

Para o futuro do trabalho, Dandara pensa em conseguir se tornar uma comunicadora digital-influencer e utilizar o YouTube como ferramenta de monetização e como trabalho, uma vez que a comunicação nas mídias digitais além de ser rentável, é uma forma de dar representatividade. Dandara encara essa fase pandêmica como uma nova oportunidade para realizar o seu sonho de infância e ter um reconhecimento.

### **4.3 MARIELLE**

Marielle é nordestina de 25 anos nascida em São Luís do Maranhão. Foi criada pela avó, mas a encarregada de educação era a mãe. Pelo fato da mãe trabalhar desde muito cedo, ela ficava com a avó. Segundo Marielle, ela tinha uma relação boa com a avó, mas com a mãe mais parcialmente. A avó da Marielle nasceu no Piauí. Deslocou-se para o interior de São Luís em função de trabalhar na casa de família. Como aponta a entrevistada, a avó sempre trabalhou em casa de família. Hoje em dia, por ser uma senhora de idade, ela aposentou-se. Com isso ela sustenta-se produzindo pipas e sorvete para vender para as crianças.

Na infância, no ensino primário, Marielle estudou em um colégio particular, depois foi para uma escola pública pelo fato de não ter custos. Na escola pública ela reprovou duas vezes. Em razão disso, a mãe pressionou-a a abandonar a escola e dar início ao emprego, uma vez que ela não estava dando rendimento acadêmico. Sendo assim, Marielle começa a vender produtos Avon ainda

no colégio. Ela vendia tanto na escola como no bairro. Em seguida, após terminar terceiro ela desiste de dar continuidade aos estudos acadêmicos, e começa a trabalhar como freelancer, bem como também no shopping de São Luís. Durante os trabalhos, Marielle afirma que já sofreu situações de racismo, mas que não conseguia lembrar de uma ocasião precisa. Durante a adolescência, Marielle queria ser professora de yoga. Sendo assim, ela se muda para Florianópolis no âmbito de estudar yoga, massagem, e curso de reiki. Como afirma a entrevistada, na sua formação de yoga ela era a única aluna negra de uma turma de 20 alunos. Ela não se sentia representada no curso de maioria branca.

Atualmente, Marielle reside em Florianópolis, trabalhando com o que tencionava. As dificuldades encontradas no ambiente profissional também estão correlacionadas ao racismo institucional. De acordo com Marielle, as empresas tendem a criar um padrão estético não levando em consideração as especificidades da raça negra. Quando Marielle começou a dar aula de yoga, ela percebeu que alguns professores tendem a ser preconceituosos em razão do trajar dela. Como afirma a entrevistada, algumas vezes colegas professores se sentem desconfortáveis ao ver ela usando turbante no ambiente de trabalho. A desculpa para isso é que as pessoas tendem a ter uma resistência em ver um professor de turbante. Uma outra dificuldade apontada pela entrevistada foi a resistência em desacreditar na capacitação de professores negros, e a visibilidade de profissionais negros nessas área. Como aponta a entrevistada, um professor branco tender a receber mais credibilidade em relação a um professor negro.

Para o futuro do trabalho, Marielle afirma que pretende ser próspera no que faz e buscar cada vez mais inovar para se diferenciar no mercado. Ademais, a entrevistada deseja que cada vez mais mulheres negras, cada vez mais pessoas pretas, estejam ocupando todos os lugares, principalmente lugares de poder, porque a sociedade está acostumada a ver pessoas negras sempre em lugares subalternos.

#### **4.4 BENEDITA DA SILVA**

Benedita da Silva tem 33 anos e nasceu em Salvador. Filha de pais negros de classe baixa, Benedita residia em um bairro periférico com os pais e mais cinco irmãos. Por serem uma família numerosa, desde os 14 anos ela já trabalhava para ajudar em casa.

Na infância, Benedita estudou numa escola pública durante todo o ensino básico. No ensino médio, ela precisou parar de estudar devido ao trabalho. A entrevistada afirma que era um desafio conciliar os estudos e o trabalho uma vez que o horário do trabalho era integrado e só podia estudar no período noturno. Aos 18 anos nasce o primeiro filho de Benedita. Sendo assim, ela precisou abrir mão do seu estudo para cuidar da criança. Aos 22 anos nasceu a sua segunda filha na qual Benedita foi obrigada a mudar para Salvador no âmbito de conseguir um emprego com um salário melhor.

Em relação ao trabalho, a entrevistada afirma que já trabalhou de tudo, faxineira, garçõete, nas lojas, entre outros. As dificuldades encontradas por ela foram no sentido da exploração e desvalorização da mão de obra, racismo, trabalhos informais e hipersexualização do corpo da mulher negra, e dupla jornada.

Atualmente Benedita da Silva trabalha com dança e trabalhos sociais. Ser artista sempre foi o sonho dela. Entretanto, se pudesse fazer uma faculdade a entrevistada apontou que seria serviços sociais. Para o futuro do trabalho, Benedita acredita que a educação é uma ferramenta poderosa capaz de quebrar essas barreiras impostas às mulheres negras. Como aponta a entrevistada por muito tempo, a mulher vem produzindo riqueza e os homens gerando.

#### **4.5 TEREZA DE BENGUELA**

Tereza é catarinense, de 38 anos de idade, natural de Florianópolis. Filha de pais negros, Tereza nasceu em uma periferia de Florianópolis na qual morou até os seus cinco anos de idade. Ainda criança, ela foi adotada pela madrinha de crisma da avó, cuja avó trabalhava como doméstica. O motivo da adoção foi pelo fato da mãe da Teresa ser dependente químico.

Na infância, Teresa de Benguela teve privilégio de estudar em escolas particulares, uma vez que a família adotiva era de classe alta. No segundo ano de ensino, ela repetiu de ano e foi diagnosticada com dislexia comportamental. Como aponta a entrevistada, isso nunca lhe abalou. Na escola ela não gostava muito de matemática, até porque isso dificultava bastante o seu problema com dislexia. Teresa aponta que na infância o preconceito não era tão visível, mas que atualmente ela consegue perceber o racismo nas pessoas.

Perguntando acerca dos sonhos profissionais, Teresa exprime que o sonho dela era ser delegada. Sendo assim, ela dá início ao curso de direito até a sétima fase, só que não chegou a concluir. A razão disso é devido ao não apoio da mãe. Como aponta a entrevistada, a mãe adotiva não aceitava filha dela nesse tipo de cargo, alegando que esse tipo de trabalho não era para

mulheres. Posteriormente Teresa inicia o curso de turismo mas não chega a concluir. Como aponta a entrevistada, ela nunca conseguiu montar um plano de carreira. O maior emprego adquirido foi como recepcionista.

As dificuldades encontradas pela Teresa no ambiente profissional são relativas a questionamento acerca da capacitação da entrevistada em trabalhos que não requerem conhecimentos profissionais, como por exemplo abrir um computador.

Atualmente Teresa de Benguela tem dois filhos, é solteira, e trabalha como síndica de um condomínio. Para o futuro do trabalho, Tereza enfatiza que gostaria de trabalhar numa empresa regida pela CLT. Em relação aos sonhos profissionais a entrevistada aponta que nenhuma realizou e isso lhe frustra bastante. Para ela toda mulher deveria trabalhar para ter a sua independência e conhecimento.

## **5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

Nesta seção são apresentados e discutidos os dados obtidos a partir das entrevistas. Consoante as histórias de vida das entrevistadas, a análise se destacou em cinco categorias: 1) discriminação racial no processo de ensino aprendizagem, 2) desafio em conciliar estudos e trabalho, 3) ciclo vicioso da pobreza, 4) discriminação organizacional, 5) escolha profissional de infância suspensa.

### **5.1 DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

A partir das experiências e dos acontecimentos vivenciados pelas entrevistadas, a discriminação racial no processo de aprendizagem se mostrou um fator relevante nas entrevistas. Conforme o discurso da Antonieta de Barros e Dandara, durante o período escolar, ambas relataram a dificuldade em conceber amizades no recinto escolar devido a sua cor da pele. Tanto para Dandara, como para Antonieta de Barros, estudar em um ensino privado durante o processo de aprendizagem foi o princípio de uma trauma racial .

Como menciona Dandara:

- (1) *Eu acho que eu era a única menina negra, então eu tive muita dificuldade em fazer amizade, ninguém queria ficar comigo no recreio e tudo mais, e aí acabou que eu acho que fui me acostumando assim sozinha(...) eu não tinha amigos, eu não tenho muita lembrança das crianças que estavam comigo.*

Correlatamente, Antonieta de Barros exprime

- (2) *Na escola e no primeiro bairro que eu vivi inicialmente, ser negra sempre foi muito difícil porque era sempre um marcador das relações.(...) Eu me senti nesse lugar de subserviência para ter amizade das minhas amigas.(...) E na escola eu desenvolvi muito a ideia de que precisava ser muito boa naquilo que eu fazia para me reafirmar naquele grupo, porque era uma forma de alcançar uma amizade, porque era uma forma de resistir, de ter alguma importância.*

O fragmento (1) ilustra a relação de Dandara com os colegas na escola. Nascida em uma família de mãe negra, Dandara afirma que somente aos oito anos de idade teve um grupo sólido de amigas no recinto escolar. Ela conta que no início da sua infância, a família tinha uma condição de vida estável, os pais trabalhavam numa companhia telefônica pública, na qual possibilitou ter regalias, como parcelar o financiamento dos estudos dos filhos. Em razão disso, Dandara e o irmão tiveram o privilégio de estudar numa escola particular, na qual segundo ela menciona, “uma escola mais elitizada”. Entretanto, apesar da preocupação dos pais em colocar os filhos num ensino qualificado, para Dandara a entrada nesta escola foi uma das maiores traumas de infância em virtude de ser a única aluna negra da sala num ambiente de maioria branca. Na época ela não se sentia pertencida ao grupo, dado que as suas características eram distintas dos demais.

Em relação a Antonieta de Barros, no fragmento (2) é possível observar que a entrevistada teve o mesmo sentimento do não pertencimento ao ambiente escolar. Antonieta de Barros se considerava classe média até os seus dez anos de idade. Posteriormente, o pai foi demitido e a mãe tinha abandonado o emprego em razão dos cuidados dos filhos. Na infância, Antonieta afirma que ser negra sempre foi um marcador das relações, uma vez que contém cabelo crespo e pele retinta. Para ela, a sua infância se resume em sempre estar no lugar de subserviência para ter amizades. O recurso encontrado para conseguir se aproximar dos colegas era sempre ser excepcional no que fazia.

Analisando os fragmentos das entrevistadas, observa-se que o racismo está presente desde da infância, quando a criança se encontra em profundos processos de desenvolvimento emocional, cognitivos, afetivos, entre outros. A reprodução das discriminações raciais muitas vezes vêm das instituições educacionais, bem como dos colegas. No que se refere a reprodução do racismo no ambiente escolar, conforme Sheriff (2001, p, 227)

O racismo presente na educação infantil aparece de forma um pouco distinta daquela encontrada no ensino fundamental. Enquanto na escola o desempenho escolar mais baixo das crianças negras é fator identificador do racismo no ensino fundamental, na educação infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais entre adultos e crianças e nas brincadeiras espontâneas destas, já que sabemos que o jogo é uma prática fundamental nessa faixa etária. Mas devemos considerar que essas situações também podem ser encontradas nas crianças e nos adolescentes do ensino fundamental e médio

Em relação às instituições educacionais brasileiras, conforme (Lahire, 2006), a escola tem se configurado como a instituição social central para veicular de forma homogênea, a cultura considerada “legítima” e para desconsiderar as culturas “não legítimas”, isto é, não hegemônicas (Lahire, 2006). Como resultado desse sistema hegemônico, o racismo muitas vezes se expressa a partir de um fenômeno ideológico que se materializa em várias instâncias como entre professores, colegas, instituição, livros didáticos, entre outros. Conforme Aponta Gomes (1996)

A escola não é um campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é um espaço sociocultural onde convivem os conflitos e as contradições. O racismo, a discriminação racial e de gênero, que fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileiras, estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/as. (1996, p. 69).

Nessa perspectiva, os valores que são transmitidos aos alunos/as dentro do ambiente escolar não são apenas aqueles pertinentes à questão de classe social. São também raciais e de gênero. Conforme menciona a entrevistada Antonieta de Barros e Dandara, na infância elas eram denominadas de diferentes por serem negras, de cabelo crespo. Dandara conta que além de ser difícil fazer amizades na escola, muitas vezes os colegas atribuem apelidos pejorativos.

(3) *Eu sofri bullying na escola, tinha um coleguinha que me chamava de urubu, foi o maior transtorno, foi bem ruim, foi difícil para fazer amizade. (...) Lá na escola tinha um negócio de fazer parte do grupinho popular que todo mundo conhece, eu era da parte do grupo dos excluídos. (Dandara)*

Embora a fala da entrevistada remete ao bullying no fragmento (3), esse caso pode ser intitulado como discriminação racial, uma vez que ela é negra com traços de ancestralidade negra na qual instantaneamente se diferenciava dos demais daquela escola. Por outro lado, Antonieta de Barros também afirma que no ensino escolar os colegas desde cedo já remetiam ela como inferior, enfatizando que os traços dela eram “feio”. Conforme aponta a entrevistada

(4) *As crianças me identificavam como diferente, falavam do meu cabelo, diziam que nunca iam namorar com uma menina negra. (Antonieta de Barros)*

Analisando as falas das entrevistadas, observa-se que crianças como Dandara e Antonieta de Barros, são condicionadas a negar os seus traços no processo de socialização, seja nos ensinamentos de educação ou em outras instituições, para se tornar o outro. Como aponta Barbosa (2007, p.1076), “desde as escolas missionárias, a educação brasileira foi destinada a ‘civilizar’ a população, isto é, a ensiná-la a negar-se como índio, como negro, como mulher, como criança para tornar-se outro”(Barbosa, 2007). Nesse entendimento, quando as escolas não estão comprometidas com projetos que visem mudanças de transformação, as crianças negras muitas vezes chegam à idade adulta com total rejeição à sua origem racial e com baixa auto estima, com grande probabilidade de afetar a sua vida adulta.

Sendo assim, é necessário revisar o currículo e os conteúdos escolares, a partir dessa interseccionalidade de fatores, uma vez que “a construção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito a uma reeducação quanto à visão estereotipada do negro, e a este elevação da auto-estima e resgate de sua cultura”(Sousa, 2001, p. 211-212). O sistema educacional tem um papel fundamental no assistencialismo do desenvolvimento da criança, dado que possui um caráter social na articulação entre educação, cidadania e raça. Também para que haja uma configuração com eficácia dessa segregação racial, é fundamental a composição de um corpo docente etnicamente diverso e formando em competências curriculares que acolhe a cultura e a história de povos africanos bem como ameríndios.

## 5.2 O DESAFIO DE CONCILIAR TRABALHO E ESTUDOS

A categoria dupla jornada entre estudos e trabalho configura-se na narrativa de algumas das entrevistadas. Com relação ao trabalho vinculado aos estudos, diversos fatores podem estar associados a entrada precoce de jovens no mercado de trabalho. A aliança entre o trabalho e estudo tencionando um futuro melhor perpassam na vida de muitos jovens brasileiros, principalmente os negros, gerando obstáculos e muitas vezes impedindo de crescerem profissionalmente. Para Guimarães(2005), o trabalho apresenta como uma questão relevante para os jovens, bem como também destaca-se em relação à outras categorias que deveriam ser tipicamente juvenis. Isto porque, o trabalho por um lado é um anseio dos jovens, por outro lado, a inserção precoce revela as dificuldades financeiras vivenciadas pelas famílias, que necessitam do rendimento deles para complementar a renda.

Referindo-se ao desafio de conciliar estudos e trabalho, enquanto que para Benedita a sobrecarga de conciliar os estudos e o trabalho foi uma barreira do não crescimento profissional, por outro lado, Antonieta de Barros menciona que com muito esforço conseguiu driblar esse sistema hegemônico para construir uma carreira consolidada. Contudo, Antonieta afirma que ainda há um receio do futuro do trabalho, devido aos obstáculos vivenciados pelos pais e de um futuro incerto devido ao atual cenário político do país. Na época em que ela deu início a faculdade, a entrevistada aponta que o receio em trabalhar precocemente sempre esteve presente no seu seio familiar, uma vez que o trabalho precoce poderia prejudicar os estudos e ser um fator para o abandono da vida acadêmica.

(5) *Minha mãe, e essa máximas das mães da classe trabalhadora, sempre quis me proteger desse trabalho que poderia atrapalhar os meus estudos, porque ela acreditava que o estudo era importante. O receio dela era eu começar a trabalhar e abandonar os estudos. Eu vejo isso como uma história comum em muitas famílias, que ao muito custo tentam impulsionar os seus filhos para esse lugar que não era um lugar deles. Minha mãe não pude fazer faculdade, nos somos os primeiros da família a fazer uma faculdade. (Antonieta de Barros)*

Analisando o trecho (5), verifica-se que para os negros brasileiros é bastante comum trabalhar e estudar simultaneamente. O estudante trabalhador carece de trabalho para dar continuidade aos estudos, bem como necessita de estudar na busca de se profissionalizar e obter uma melhor condição de vida. Todavia, as dificuldades encontradas durante essa jornada são diversas. A evasão é uma delas, onde conseqüentemente resulta em uma baixa qualificação profissional. O caso da Benedita da Silva é um exemplo disso. Por ser de uma família de classe baixa, ela sempre estudou numa escola pública durante a infância. Aos quatorze anos ela deu início ao trabalho precoce, sendo uma das causas do abandono escolar. Quando questionada sobre a sua decisão acerca do abandono escolar, a entrevistada explicou que por questões de sobrevivência se viu na obrigação de trabalhar para ajudar a mãe com o sustento da casa. Segundo ela, buscar o equilíbrio entre estudar e trabalhar sempre foi um desafio. Ao final do expediente já se encontrava cansada, com a cabeça fervendo com os problemas a serem resolvidos. Quando chegava em casa, como consequência da dupla jornada, as horas de estudos ficam reduzidas, impactando diretamente no aprendizado.

(6) *Eu lembro que na época era muito difícil estudar porque tinha que conciliar a escola e o trabalho, então eu tive que abandonar porque era muito sobrecarregado. Eu chegava nas aulas esgotada, muitas vezes cheguei a dormir na sala de aula por causa do cansaço. Aos 18 anos eu fui obrigada a abandonar os estudos porque*

*acabei engravidando e necessitei de procurar um emprego que desse sustento para mim e para o meu filho. ( Benedita da Silva)*

Conforme Sampaio e Cardoso (2011)

O trabalho do estudante tanto prejudica seu desempenho em atividades ligadas ao aprendizado como também reduz seu grau de envolvimento com o ambiente acadêmico. É como se pelo fato de trabalhar o jovem deixasse de usar plenamente sua condição de estudante e a experiência do trabalho estivesse deslocada. Os estudantes que trabalham jamais constituem a regra (mesmo que em termos numéricos sejam maioria), mas não são a exceção. É o desviante no sentido de estar meio fora-trabalhador e meio dentro da universidade-estudante. (SAMPAIO,CARDOSO,2011).

Como aponta a entrevistada no fragmento (6), a gravidez precoce também foi um fator propagador pela evasão escolar. Quando a gravidez não é prevista se configura como problema, proporcionando impactos negativos nos projetos de vida da mãe, tornando ainda mais difícil a construção de carreira e na entrada no mundo de trabalho, uma vez que os cuidados da criança são atrelados a mãe, proporcionando um maior desafio de associar as responsabilidades maternas às atividades escolares.

Nessa perspectiva, analisando os fragmentos, como aponta Araújo(2009, p.48) “o sentido do trabalho é social e adquire significados distintos, dependendo da forma como as pessoas com ele se relacionam”. A categoria desafio em conciliar estudos e trabalho é um elemento muito presente na vida da raça negra no Brasil, contribuindo para essa desigualdade. Como aponta o estudo o IPEA (2008, p. 5)

(...) os negros e negras estão menos presentes nas escolas, apresentam médias de anos de estudo inferiores e taxas de analfabetismo bastante superiores.As desigualdades se ampliam quanto maior o nível de ensino. No ensino fundamental, a taxa de escolarização líquida - que mede a proporção da população matriculada no nível de ensino adequado à sua idade - para a população branca era de 95,7 em 2006; entre os negros, era de 94,2. Já no ensino médio, essas taxas eram respectivamente, 58,4 e 37,4. Isto é, o acesso ao ensino médio ainda é bastante restrito em nosso país, mas significativamente mais limitado para a população negra, que, por se encontrar nos estratos de menor renda, é mais cedo pressionada a abandonar os estudos e ingressar no mercado de trabalho.

Posto isto, observa-se que o padrão da evasão escolar expressasse como resultado de violência do racismo sobre a juventude negra. Quando a precariedade tem cor, além de trazer consequências raciais, o processo de escolarização falho também traz consequências sociais e econômicas, impedindo que no futuro crianças negras quebrem esse ciclo de pobreza.

### 5.3 O CICLO VICIOSO DA POBREZA DOS NEGROS

A questão da pobreza, produto da dinâmica perversa do sistema socioeconômico, foi um dos pontos relevantes das entrevistas. Como aponta Organização das Nações Unidas, no Brasil a pobreza tem cor, e os negros são os mais ameaçados pela crise econômica.

Analisando as entrevistas das cinco entrevistadas, verifica-se que nenhuma das mulheres possuía um histórico de família com boas condições financeiras. Como aponta a pesquisa de Henriques (2001, p.26), 55% do diferencial salarial entre brancos e negros está associado à desigualdade educacional e outra parte da herança da discriminação educacional embutida desde das gerações dos pais dos estudantes. De acordo com a pesquisa, entre um jovem branco e um negro com 25 anos de idade, a média dos estudos do negro gira em torno de 6,1 anos. Em contrapartida, em relação ao jovem branco da mesma idade, os estudos giram em torno de 8,4 anos, um diferencial de 2,3 anos de estudos. É relevante enfatizar que embora houve um crescimento de escolaridade entre os brancos e os negros de forma contínua ao longo das décadas, a média de 2,3 anos de estudo permanece intacto entre os pais desses jovens, da mesma forma em relação aos avós desses jovens. Posto isto, observa-se que o padrão de discriminação racial é recorrente e perversamente estável entre as gerações. Conforme os dados acima, verifica-se que a população negra está submetida a subempregos, devido a intersecções que incidem sobre essa raça e determina as suas condições e posições sociais por gerações. (HENRIQUES, 2001, p. 26).

Analisando elementos em comum na fala dessas mulheres, verifica-se que há uma recorrência da realização de serviços domésticos ou serviços informais no seio das suas famílias. Conforme Marielle, trabalhar cedo sempre foi costume desde a geração da avó.

*(7) minha avó foi para cidade desde novinha para trabalhar em casa de família. Minha avó também sempre trabalhou em casa de família. Hoje em dia como ela já tá bem mais velha, ela já tá aposentada. Hoje em dia ela faz pipa para vender para as crianças, e vende bastante. Assim, já faz uns anos que ela trabalha vendendo pipa. Ela também vende sorvete, lá na cidade chama suquinho, são aquele sorvetinhos que tu faz de suco e coloca dentro de um saquinho. (Marielle)*

Correlativamente, Antonieta de Barros aponta que na família era necessário um amparo de seus parentes para que ela pudesse ter uma educação qualificada. Conforme a entrevistada, como forma de buscar um dinheiro extra para permanecer numa escola particular, a mãe e a tia da mãe precisavam fazer bicos e serviços de faxina para que ela pudesse dar continuidade aos estudos.

- (8) *Minha mãe costumava vender quentinha, vender comida, geladinho din din, para ir sustentando a casa. E uma tia dela ajudava ela com a minha escola também. Ela fazia serviços domésticos, como lavar roupa para ela trazer algumas coisas aqui e aí ela foi ajudando minha mãe a pagar minha escola.* **(Antonieta de Barros)**

O caso de Benedita é bem parecido. Tendo em conta que nasceu numa família de classe baixa, ela precisou exercer o trabalho precoce por questões de sobrevivência. Aos quatorze anos de idade, Benedita da Silva começou a trabalhar como faxineira, assim como era profissão da mãe, para ajudar em casa. Como relata a entrevistada:

- (9) *Minha mãe precisou trabalhar arduamente como faxineira para sustentar os filhos, porque meu pai não ajudava em casa(...) Eu também comecei a trabalhar desde os meus 14 anos por questões de sobrevivência mesmo. Por sermos seis filhos, a minha mãe não dava conta, portanto a saída era fazer com que os filhos mais velhos comessem a trabalhar pra trazer comida dentro de casa.* **(Benedita da Silva)**

A primeira observação analisada nos trechos, é a recorrência da profissão doméstica como estratégia de sobrevivência da mulher negra no Brasil. O emprego doméstico é historicamente uma ocupação feminina negra desde da escravidão, bem como na atualidade. Como aponta Saffioti (1978, p. 36), no seu livro *Emprego Doméstico e Capitalismo*, “o fim da escravidão determinou o aparecimento do assalariamento do emprego doméstico, embora uma imensa quantidade de meninas e moças continuasse a trabalhar em casas de família em troca de casa e comida, como crias da casa”. Para a autora, a modernização da economia brasileira não permitiu à parcela feminina da força de trabalho usufruir integralmente dos benefícios proporcionados pelo sistema. Numa modernização marcada por fatores como alta concentração de renda e baixo nível educacional da população, um grande fragmento de mulheres, pertencentes às camadas marginalizadas, se veem impelidas à busca do emprego doméstico como alternativa de sobrevivência. (Saffioti, 1978, p.17).  
 Compilando, conforme Nascimento (2007)

A mulher negra na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão de obra, na maioria das vezes não qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante, o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravidão, reproduz-se na mulher negra “um destino histórico”. É ela quem desempenha em sua maioria os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações de trabalho evocam as mesmas da escravocracia (NASCIMENTO, B., 2007, p. 128).

Outro ponto analisado é a construção das desigualdades na escolarização da população negra. De acordo com o documento da UNICEF, o nível educacional da mãe tem impacto direto no status econômico da criança e do adolescente. No Brasil, a média nacional de crianças e adolescentes pobres é de 45%. Entre o grupo daqueles com mães que não têm escolaridade ou têm menos de um ano de estudo, a média de pobreza é de 76%. Em contrapartida, entre os filhos de mãe com 11 ou mais anos de estudo, o percentual é de 11%. Com base nesses dados estatísticos, verifica-se que conseqüentemente quando as crianças vindas de mãe com baixa escolaridade elas têm sete vezes mais chances de ser pobres em relação a uma mãe com alta escolaridade (UNICEF, 2003).

Analisando os fragmentos das entrevistadas, observa-se a família tem um forte capacidade para determinar a longevidade da criança na escola, bem como ser a razão da evasão escolar da criança, uma vez que questões como classe social e raça, são fatores que podem ser determinantes no sucesso ou frustrações escolar. Tendo em conta que o racismo é estruturador da sociedade brasileira e as disparidades ficam mais evidentes conforme as intersecções, nota-se que os pais de alguma das entrevistadas fazem um esforço árduo para que os filhos não tenham a mesma realidade que eles. A família de Antonieta de Barros assim como de muitas outras jovens negras, têm nas gerações seguintes a esperança de mobilidade social ascendente em termos não somente de renda e de ocupação, mas também de escolaridade.

Questionando as entrevistadas sobre a perspectiva para o futuro em termos de trabalho, as respostas das entrevistadas chamou atenção. Todas compreendem que existe um racismo estrutural na sociedade brasileira, e que a mulher negra é a que mais sofre devido a intersecções de gênero raça e classe. Analisando a narrativa da Marielle, observa-se que o desejo para o futuro não é individualista, mas sim um desejo coletivo, abrangendo todas as mulheres negras brasileiras.

*(10) E que cada vez mais mulheres negras, cada vez mais pessoas pretas, e principalmente mulheres pretas, estejam ocupando todos os lugares, principalmente lugares de poder, porque a gente é acostumado a ver pessoas negras mas sempre em lugares subalternos, sempre e a pessoa que está limpando, nunca é o chef, ou o gerente, nunca é o dono da empresa. Então, o meu sonho, a minha vontade, é que eu veja cada vez mais mulheres pretas no poder, mulheres pretas ricas, mulheres pretas poderosas, mulheres pretas dirigindo carrões, mulheres pretas realizando sonhos. (Marielle)*

Antonieta de Barros também está ciente que existem barreiras que dificultam mulheres negras a ascender profissionalmente. Ela atualmente é servidora pública, professora Doutora em uma instituição do Ceará. Por conseguir driblar algumas das barreiras impostas às mulheres negras,

para Antonieta o futuro do trabalho é presentemente devido a todas as dificuldades passadas ocorrida na sua trajetória de vida.

(11)*Eu acredito que o meu futuro chegou, porque eu sempre recorro todas as instabilidades da vida profissional dos meus pais, eles não tinham uma vida profissional. Se você me perguntar seu pai era o que, ele foi formado em técnico e eletricista, mas ele não exerceu essa profissão na vida ativa. A vida toda ele teve que fazer bico, ele teve que fazer muitas coisas. A minha mãe também a mesma coisa, então essa instabilidade, o desemprego, a falta, me fizeram sempre desejar a estabilidade. Então eu sempre desde muito nova eu corri muito atrás disso, como alguém corre atrás de alguma coisa muito valiosa. E isso é histórico no Brasil.***(Antonieta de Barros)**

(12)*A outra aspiração minha é ter tempo para estar com minha filha, eu acho que uma das coisas que eu prezo muito e ter um trabalho que não explore a esse ponto da gente não conseguir cuidar dos nossos. Eu acho é a esse passado escravocrata que nos retirou essa possibilidade. Muitas mulheres negras tiveram subtraídas esse direito, esse lugar de cuidado dos seus, tiveram que cuidar dos filhos dos outros, então acho que isso é uma das coisas que eu mais desejo. Eu não quero muitas realizações profissionais se essas realizações tirarem o meu tempo de qualidade com os meus, com a minha filha, com meu marido, a minha família.***(Antonieta de Barros)**

A partir das falas das entrevistadas fica notório que a inserção de mulheres negras entre as pessoas pobres é reflexo de um processo histórico de reprodução de desigualdades sociais. Esta desigualdade tem como base estrutural os elementos sociais como gênero e raça/etnia, os quais orientam a construção da cidadania e a efetivação de direitos. Nesse cenário, a educação tem se tornado a principal oportunidade de mobilidade e de mudança social, ainda que seja uma estratégia individual. Uma educação inclusiva é o primeiro passo para nivelar essa desigualdade, uma vez que a educação qualitativa possibilita uma equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. Através de uma educação qualificada, onde consequentemente possibilita uma mão de obra qualificada e um trabalho formal, são fatores determinantes para interromper o ciclo vicioso da população negra da sociedade brasileira contemporânea. Para isso, é necessário políticas afirmativas para equiparação de uma dívida histórica..

#### 5.4 DISCRIMINAÇÃO ORGANIZACIONAL

A categoria “discriminação organizacional” se mostrou uma fator de interferência no ambiente de trabalho. Das cinco entrevistadas, quatro mencionaram casos envolvendo discriminação racial no ambiente de trabalho. Embora nem sempre as empresas e seus colaboradores explicitem seus critérios raciais, essa prática discriminatória no ambiente de trabalho ocorre de maneira sistemática e determina a vulnerabilidade da situação de vida da mulher negra na atualidade.

(13) *Para mim, as dificuldades na minha profissão, é ser uma professora negra nessa instituição que é branca, de maioria branca.(...) a legitimidade que o estudante te dá quando você entra na sala por ser jovem negra. Para eles é estranho eu ser professora doutora, jovem negra, ensinando para eles no interior do Ceará(...) Cheguei a trabalhar no sertão do Ceará, e as pessoas me olhavam estranho, então a gente vai vendo essas dificuldades profissionais superada desde o campo da estética, de como eu me visto, que isto não é tão associada a formalidade, a competência, a outras questões. (Antonieta de Barros)*

(14)*Eu já sofri situações de racismo dentro do trabalho, mas eu não consigo lembrar agora com exatidão qual foi o momento. (...) E quando eu comecei a dar aula também eu fui tentar dar aula numa escola de yoga que foi onde eu fiz o curso de massagem. E aí eu senti assim que o professor não queria que eu desse aula de turbante. O problema é que nessa modalidade de yoga a gente só dá aula de turbante, faz parte da tradição. E eu senti meio que ele não queria que eu desse aula de turbantes. Acredito que era um pouco do preconceito dele com relação a ao turbante. Ele disse que as pessoas tinham uma resistência quando viam professores de turbantes... enfim, não sei se isso pode ser considerado uma expressão racista, mas eu achei bem chato(Marielle)*

Com base nesses trechos das entrevistas, é notório que a estética é um elemento essencial na discussão sobre o racismo, uma vez que a representação da mulher negra na sociedade e os estereótipos associados a sua imagem determinam o seu lugar no trabalho. Como aponta Sueli Carneiro (2003, p. 121), o quesito “boa aparência” é uma forma sutil de barrar as aspirações de mulheres negras. Analisando os trechos das entrevistas, verifica-se que as organizações tendem a criar um padrão que não leva em consideração as especificidades da ancestralidade negra. Como aponta Guimarães (2002, p 68) “no mercado de trabalho, valores estéticos e comportamentais, que se traduzem na noção de boa aparência, são os grandes responsáveis pela discriminação dos negros e dos pobres.

(15)*Eu senti também no barismo, que foi inclusive o catalisador para eu sair do barismo, é o machismo e o preconceito velado, que é uma coisa que eu senti muito forte aqui em Florianópolis quando eu cheguei aqui em 2017. (...) eu senti muito*

*forte essa questão do racismo velado, e foi uma das coisas que mais me incomodou de uma maneira terrível, porque realmente me fez acabar engolindo muita coisa, até chegar o momento que eu realmente comecei a pensar se eu precisava engolir. As coisas foram ficando cada vez mais, ou melhor dizendo cada vez menos fáceis de engolir, de só simplesmente passar pano sabe, então comecei a questionar, comecei a bater de frente assim, então foi uma das dificuldades. (Dandara)*

Analisando a fala da Dandara no fragmento (15), verifica-se que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras para acessar o mercado de trabalho e para chegar à ascensão profissional também está relacionado ao sexismo. Dandara pretendia adquirir experiências no barismo para que mais tarde pudesse abrir o seu próprio negócio. Entretanto, o entrelaço entre o sexismo e o racismo foram catalisadores para o abandono do trabalho, devido à dupla discriminação do patriarcado. A hipersexualização se configura em um fenômeno que atinge as mulheres, principalmente as mulheres negras, desde o período colonial. Conforme Gomes(2010), a mulher em geral é sexualizada e erotizada, no entanto, quando se trata da mulher negra, ocorre um aumento dessa sexualização, o que auxilia no aumento do preconceito e discriminação, afetando na construção identitária desse público.

Com a dupla discriminação, a mulher negra muitas vezes desacredita na sua própria capacitação, bem como muitas vezes as instituições faz com que ela duvide disso. O trecho da Tereza de Benguela é um exemplo disso. Conforme a entrevistada, o maior desconforto para ela foi numa entrevista de emprego na qual ela tinha que provar que sabia manusear um computador.

*(16) o maior confronto digamos assim, foi numa entrevista de emprego que eu tive que provar que sabia usar o computador porque a pessoa tava duvidando disso. (Tereza de Benguela)*

As práticas discriminatórias que atingem negativamente as mulheres negras são fruto de um mecanismo que garante a perpetuação dessas desigualdades, configurando nas práticas através da desvalorização da diversidade étnica e cultural. Como resultado desse racismo, os os impactos sociais e econômicos são para todos, todavia sendo muitas vezes considerado um problema somente para as pessoas negras.

## 5.5 ESCOLHA PROFISSIONAL DE INFÂNCIA SUSPENSO

Questionando às entrevistadas acerca da concretização dos seus sonhos profissionais de infância, Antonieta de Barros, Dandara, Tereza de Benguela e Benedita da Silva, afirmam que alguns sonhos ficaram para trás por diversas questões. Algumas foram devido a questões financeiras, outras devido ao não apoio familiar.

(17) *Antes do meu ensino médio, eu tenho uma lembrança de ter tido o desejo de fazer odontologia, porque bem pequena, eu lembro que meus pais não tinham condições para me levar ao dentista periodicamente. Tive muitos problemas na minha dentição, e todas as vezes que eu ia ao dentista era numa situação de tentar recuperar o dente. Então desde pequena eu já achava essa profissão admirável, mas minha mãe, a primeira vez que eu expressei esse desejo ela logo falou pra mim que seria muito difícil fazer odontologia porque mesmo que eu esforçasse, mesmo que eu passasse na universidade federal, seria muito difícil eu cursar, porque ela não teria dinheiro para pagar todos os instrumentos que o curso de odontologia exigia. (Antonieta de Barros)*

(18) *Nossa, tinha, tinha alguns sonhos. Eu queria fazer psicologia, meu avô tinha coleção dos livros do Freud e eu lia quando eu era criança. Eu gostava muito daquilo e eu queria muito fazer psicologia, mas não tinha na cidade aquela época, aí eu não pude fazer. E meu pai não deixou eu sair da cidade para estudar. Outra coisa que eu queria fazer quando era pequena foi medicina veterinária que também foi outra coisa que meu pai cortou. Eu lembro quando eu era pequena ele falou que ele não teria condições de pagar para mim porque só tinha numa cidade muito distante que ele não ia poder pagar. (Dandara)*

(19) *O meu sonho quando eu era pequena era ser artista, mas meus pais não me apoiavam. O discurso da minha mãe era que ser artista não dava dinheiro, dizia sempre que essa profissão só dava certo nos ricos. (...) Se eu pudesse fazer um curso seria ciências sociais. Ultimamente estou muito envolvida com isso, trabalho com projetos para pessoas da periferia, para mulheres negras periféricas. (...) Penso em retornar a escola e dar continuidade nisso (Benedita da Silva)*

(20) *O único sonho que eu tive foi que queria muito ser delegada, esse ser meu maior sonho, ser delegada. Então em 1997 se eu não me engano, baixou uma portaria onde apenas quem tivesse bacharelado em direito poderia prestar concurso para delegado, então foi ali que decidi fazer direito. Mas não deu certo porque a minha mãe adotiva não me apoiava com isso. Ela falava que delegado era profissão para homem, que não queria ver filha dela nesse tipo de cargo. Acabei desistindo do curso de direito, fiz até a sétima fase da faculdade. (Tereza Benguela)*

A categoria “escolhas profissionais de infância suspenso” emergiu no âmbito em confrontar os sonhos profissionais almeçados, contraposto com as profissões que a vida proporcionou para

essas mulheres. Conforme Sullivan e Baruch (2009), as decisões e escolhas profissionais dos indivíduos são influenciadas por elementos variados como família, condições sócio econômicas, interesses e experiências que contribuem no desenvolvimento do sujeito e da sua identidade profissional. Nesse contexto, observa-se que intercessões de elementos como gênero e raça são fatores que alavancam obstáculos na trajetória das mulheres negras, dificultando as chances de construir uma carreira profissional.

O segundo ponto da análise se refere ao motivo do não planejamento de carreira. Das quatro entrevistadas, apenas uma afirmou que possui um planejamento de carreira e tenciona cumpri-la.

*(21) Espero muito aí dentro do meu alcance, dentro das minhas ações na Instituição onde eu trabalho, poder contribuir com o ensino público de qualidade que atinge todas as populações, a educação que não é pautada somente no conhecimento branco, mas que considera outras epistemologias. Precisamos construir uma educação acolhedora, e contribuir para o acesso e permanência das populações que foram marginalizadas no Brasil, do direito à educação. (Antonieta de Barros)*

No fragmento (21), observa-se que a entrevistada Antonieta de Barros possui uma grande conscientização coletiva sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, e visa com o seu conhecimento intelectual, proporcionar medidas efetivas para a redução de desigualdades raciais e sociais na sociedade brasileira. Por ser professora Doutora negra, para ela é interessante como professora compreender que o exercício profissional e o ativismo se misturam, uma vez que ela tem uma compreensão da diversidade epistêmica do mundo. Para ela é uma responsabilidade quanto professora difundir esse conhecimento ativamente enfatizando politicamente o conhecimento da população historicamente subalternizados.

Nos discursos das entrevistadas, observa-se que a subcategoria insuficiência de renda é um fator que determinou a vida profissional das entrevistadas. Analisando os discursos e o contexto histórico das entrevistadas, nota-se que majoritariamente a razão do não planejamento da carreira diz respeito a uma má distribuição de rendas para a população negra, possibilitando consequências no mercado de trabalho. De acordo com Eliane Cavalleiro (2003) pode-se atrelar a pobreza à variável racial uma vez que os piores equipamentos sociais estão na periferia, o que impacta o mercado de trabalho, habitação, saúde, renda e etc. Sendo assim, isso revela que por meio de mecanismos de segregação social e ocupacional instaurados pela tradição patriarcal dessa sociedade, proporciona menores oportunidades de mobilidade vertical e estabelece salários inferiores para as mulheres negras. Muitas vezes acabam sendo forçados a abrir mão dos seus sonhos profissionais na busca pelo trabalho como complemento de renda familiar e não com uma

perspectiva de crescimento profissional. Com a entrada precoce das mulheres negras nas ocupações que possuem baixa escolaridade e nenhuma experiência profissional, acabam se submetendo a subempregos, com cargas horárias abusivas e situações de exposição a riscos, tanto físicos quanto sociais. Como resultado disso, Santos (2009) aponta

“Ascender socialmente é algo muito difícil para a mulher negra, são muitos obstáculos a serem superados. O período escravocrata deixou como herança o pensamento popular, em que, elas só servem para trabalhar como domésticas ou exibindo seus corpos. As que se destacam, tiveram que provar mais vezes do que as mulheres brancas a sua competência” (SANTOS, 2009).

Embora houve avanços alcançados pelas mulheres no mercado de trabalho através da ocupação de cargos de relevância a nível profissional, este avanço é muito reduzido quando observa-se o universo negro. Como aponta Santos (2009), raramente se vê mulheres negras trabalhando como executivas, médicas, enfermeiras, juízas, dentre outras profissões de destaque; o que se verifica ainda é a grande maioria realizando trabalhos subalternos e recebendo baixos salários”. Esse mecanismo é fruto de uma desigualdade racial e de gênero na qual as mulheres negras estão em desvantagem social por questões raciais relativas ao acesso à educação, cuja conseqüentemente há diferenças na participação delas em relação à participação das demais mulheres no mercado de trabalho. (SUELI CARNEIRO, 1985).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho pautou-se na análise da vida profissional, a partir da percepção da mulher negra na sociedade brasileira. Com base no estudo desenvolvido, foi possível gerar um conjunto de fatores intrigantes, ainda que delimitados, para validar a dinâmica da estrutura discriminatória e as suas consequências perante a mulher negra na sociedade, bem como a sua configuração no mercado de trabalho.

Com o objetivo em elaborar uma pesquisa estruturada no âmbito de cumprir com os objetivos gerais, estabeleceu-se como objetivos específicos, retratar o contexto histórico das mulheres negras no Brasil, descrever a ideia de vida profissional na perspectiva de cada uma das mulheres entrevistadas, estabelecer relação entre elementos comuns na fala dessas mulheres, e por fim proporcionar reflexões acerca dos aspectos levantado pelas entrevistadas à luz do feminismo negro.

Para alcançar os objetivos propostos foram utilizados o roteiro da entrevista semiestruturada junto a técnica história oral, a fim de possibilitar maior familiaridade com os sujeitos da pesquisa, de modo captar maiores percepções sobre a trajetória das vidas delas. A partir das histórias de vida dessas mulheres, foi possível extrair pontos em comum que serviram como referência para identificar parâmetros da desigualdade racial e de gênero, e como essas consequências intercedem profundamente as mulheres negras no campo profissional. As categorias encontradas foram listadas por: racismo no processo de aprendizado, o desafio em conciliar estudos e trabalho, o ciclo vicioso de pobreza, a discriminação organizacional, e por fim sonhos profissionais suspensos.

Com base nas trajetórias de vida dessas mulheres, foi possível problematizar que intercessões de raça/ gênero e classe social influenciam na configuração da mulher negra na sociedade e no mercado de trabalho, possibilitando desigualdades na distribuição de renda. Como aponta Sueli Carneiro (2003, p 120), “é sobejamente conhecido a distância que separa negros e brancos no país no que diz respeito à posição ocupacional”. Os negros vieram de um passado profissional sem planejamento e sem amparo de governos que possibilitassem políticas públicas inclusivas para a inserção desse grupo na sociedade. Com isso, surgiu um abismo racial, que podem ser evidenciadas estatisticamente, fundada em uma cultura escravocrata, resultando em desemprego, violência, baixo poder aquisitivo, sistema precário de saúde e educação, entre outros.

É interessante destacar que das cinco entrevistadas, todas possuíam um histórico familiar de classe social baixa ou média, reforçando uma existência do ciclo vicioso que impossibilita a

ascensão dos familiares e conseqüentemente delas. Isso demonstra que o pertencimento racial tem importância significativa na estruturação das desigualdades sociais e econômicas no Brasil. Em vista disso, pode-se dizer que o elemento de maior destaque nas análises dessa pesquisa se refere ao ciclo vicioso de pobreza, fazendo com que a população negra permaneça de uma forma contínua e sistemática na base da hierarquia social acumulando os piores indicadores sociais.

No que concerne às mulheres negras e o trabalho contemporâneo, esse estudo preconiza a importância do movimento feminista negro na sociedade brasileira, policiando e militando na importância do recorte racial na luta pela emancipação feminina no mercado de trabalho, bem como na sociedade. Como aponta Martins (2012, p. 456), “numa conjuntura em que o processo de constituição capitalista se efetivou, o trabalho assalariado se coloca numa direção essencialmente excludente, de valorização do trabalhador branco (o imigrante europeu) como símbolo da redefinição social e cultural do trabalho no país”. Nessa perspectiva, para garantir uma equidade social e racial, bem como corrigir essa dívida histórica, é fundamental que as instituições concebem ações afirmativas de políticas sociais públicas e privadas, direcionadas à concretização de princípio de igualdade, a fim de garantir um trabalho inclusivo a mulher negra e aos outros grupos oprimidos, com o intuito em transformar esse mecanismo de discriminação que envolve a relação com o mercado de trabalho. Como afirma Benedito (2008, p 103) “as políticas de ação afirmativa destinam-se a grupos historicamente discriminados, portanto expostos a uma condição de maior vulnerabilidade, tal como encontra-se a trabalhadora negra”. Esse grupo é permeado por diversos tipos de discriminações, carregando sentimentos que remetem à solidão, desde a infância até a vida adulta. Quando ocupam ensinos básicos de baixa qualidade, as chances de conseguir uma formação superior são ínfimas, proporcionando uma maior vulnerabilidade nas relações de trabalho e na vida pessoal. Muitas vezes a busca pelo trabalho das mulheres negras é com viés de complemento de renda familiar e não como busca de carreira profissional. Sendo assim, fica evidente que a estrutura social é conducente que o trabalho da mulher negra é simplesmente pelo fato dela prover sustento para a família, e ainda tem que ocupar funções de pouca qualificação e com salários baixos.

A partir de relatos das entrevistadas, observa-se que mesmo quando ocupam cargos mais elevados dentro do mercado de trabalho, ainda são obrigadas a conviver com o preconceito racial e de gênero no ambiente organizacional como a da sexulizacao, a duvida sobre a capacitação da profissional, política de cargos e salários, a questão da opção sexual da mulher negra dentro das organizações o os demais preconceitos que a mulher negra sofre e até mesmo a violência psicológica. (Renan Moura, 2018).

Cabe ressaltar a relevância da reparação dessas desigualdades a partir da base educacional, dado que esta fase é o início de toda engrenagem da estrutura discriminatória. Para isso, é fundamental investir em uma educação decolonial qualificada, e englobante. Como aponta Andrews (2015, p. 156) “a educação é universalmente reconhecida como uma área fundamental para a justiça social e como um dos mais poderosos determinantes de desigualdades e hierarquia social”. Nessa perspectiva, é necessário pensar a partir de uma lógica educativa não hegemônica, como foco nos sujeitos subalternizados pela colonialidade, como índios, negros, mulheres, homossexuais, entre outros.

Por fim, cabe destacar existem muitas pesquisas referentes as discriminações das mulheres negras nos últimos anos, e o feminismo negro já é um movimento consolidado no Brasil. Entretanto, falasse muito pouco sobre o legado da escravidão da mulher negra e os seus impactos no campo organizacional. Sendo assim, preconiza a ampliação de pesquisas futuras nessa área, possibilitando um comparativo de análises das dificuldades e desigualdades na ascensão profissional de mulheres negras.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na Educação Infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Debates de Gênero: A transversalidade do conceito**. Fortaleza: Ufc, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo : Cortez, 7ª ed., 2000.

ARAÚJO, Silvia Maria. **Sociologia: um olhar crítico**. São Paulo> Contexto 2009

ARRUDA, Ângela. **Feminismo, gênero e representações sociais**. 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328030456.pdf>  
Acesso em: 24 jun 2019.

BARBOSA, Maria. **Cultura escolares, cultura de infância e de familiares: a sociabilização e a escolarização no interceder dessa cultura**. Campinas: educação social, 2007. 1076 p.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 309 p.

BENEDITO, A. **Igualdade e diversidade no trabalho da mulher negra: superando obstáculos por meio do trabalho decente**. 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado em Direito Político e Econômico) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.com.br/jspui/bitstream/tede/1241/1/Alessandra%20Benedito.pdf>>. Acesso em 03 ago 2020

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 238 p.

CARNEIRO, Sueli. **A batalha de Durban**. Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 209, 2002. Acesso 08 jul 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estud. av., São Paulo , v. 17, n. 49, p. 117- 133, Dez/2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-acesso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-acesso) 08 de jul 2020

CAVALLEIRO, Eliane. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: SUMMUS, 2003

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; da SILVA, Roberto. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRENSHAW, Kimberlé W. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004, p. 7-16. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberlé-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 15 de jul 2020

CRENSHAW, Kimberlé. **Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero**. Estudos Feministas, Florianópolis, v 10, n 1, 2002, p. 171-189

COLLINS, Patricia Hill. **The black feminist thought**. London: Routledge, 2000

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Organização Frank Barar. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOS SANTOS, Elisabete; SCOPINHO, Rosemeire: **Fora do jogo? jovens negros no mercado de trabalho**, São Carlos, (SP), 2011.

COSTA S. G. da, & Ferreira, C. da S. (2006). **Diversidade e minorias nos estudos organizacionais brasileiros**: Presença e lacunas na última década. In *IV Encontro Nacional de Estudos Organizacionais – EnEO*. Porto Alegre: ANPAD. apud Geledés

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, M. S. (2009). **Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres**: (des)(re)construções do Brasil como Paraíso de Mulatas (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Recuperado de: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18449/000729284.pdf?sequence=1>

GOMES, M. S. (2010). **A (des)(re)construção do Brasil como um Paraíso de Mulatas**. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. 4 (2), Universidade de São Paulo. Recuperado de: [http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.03\\_Mariana\\_Selister.pdf](http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.03_Mariana_Selister.pdf)

GOMES, Nilma (1996). **Educação, Raça e Gênero**: relações imersas nas alteridades. Minas Gerais. p 69

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Ciências sociais 2, ANPOCS, Brasília 1983,p.223-244.

GUEDES, M<sup>a</sup> Eunice Figueiredo. **Gênero, o que é isso?** Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995. Disponível em . Acesso em 20 abr 2020.

GUIMARÃES, José Ribeiro Soares. **O Perfil do Trabalho Decente no Brasil:** um olhar sobre as Unidades da Federação. Brasília: OIT, 2012.

GUIMARÃES, N. A. (2005). **Trabalho:** uma categoria chave no imaginário juvenil. In H. Abramo & P. P. Branco (Eds.), Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional (pp.149-174). São Paulo: Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo.

HENRIQUES, R. M. **Desigualdade Racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90.** Texto para discussão n. 807. Brasília: IPEA, 2001. Disponível em <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em 12/10/2020

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: Disponível em [www. Ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) acesso: 02 set 2020

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Políticas Sociais:** acompanhamento e análise, Brasília, n. 10, 2003. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 10 nov 2020

IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada[et. al.]. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça.** IPEA: Brasília, 3<sup>a</sup> ed.,2009. Disponível em <https://www.ipea.gov.br> Acesso em: 10 out 2020

IPEA [et. al.]. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça.** IPEA: Brasília, 4<sup>a</sup> ed., 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br> Acesso em: 10 out 2020

KURZ, Robert. **A origem destrutiva do capitalismo:** modernidade econômica encontra suas origens no armamentismo militar. Folha de São Paulo. 30.3.1997, p.3 c.5.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006

LUCENA, Mariana de. **Os Debates do Movimento Feminista:** do movimento sufragista ao feminismo cultura. 17<sup>o</sup> Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero (2012). Disponível em:  
Acesso 08 de junho 2019

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. Metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MARQUESE, Rafael. **A dinâmica da escravidão no Brasil.** São Paulo. USP, 2006

MARTINS, Tereza Cristina Santos. **O negro no contexto das novas estratégias do capital:** desemprego, precarização e informalidade. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 111, p. 456, set. 2012. Disponível em: . Acesso em: 15 nov 2020.

MINAYO, M. C. S. (organizadora) – Técnicas de Pesquisas - Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, M. C. S. (organizadora) – Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade - Petrópolis: Vozes, 1995..

NASCIMENTO, B. *Jornal Maioria Falante*. Fevereiro – Março – 1990. 2007, p. 128. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-e-o-amor/>. Acesso em 30 de out. de 2020.

No original: **“Black visibility is not Black Power”**. Cf.: HAMILTON, Charles V.; KWANE, Ture. *Black Power: Politics of Liberation in America*. Nova York: Random House, 1967. Ebook. p. 178. (tradução Silvio Almeida).

OLIVEIRA, Fabiana. **“A infância, as crianças e a educação infantil: reflexões acerca da questão étnico-racial.”** 2016, p. 16. *SciELO*

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. 2011: **Ano Internacional das e dos Afrodescendentes**. ONU:2011. Disponível em: [www.onu.org.br](http://www.onu.org.br) Acesso em: 10 nov 2020.

PAIXÃO, M., & Carvano, L. M. (Orgs.) (2008). Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2007-2008. Rio de Janeiro, RJ: Garamond Universitária. Disponível em [www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo). Acesso em 16 jun 2020

POLITIZE!. **Feminismo Negro no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo-negro-no-brasil/> Acesso em: 08 maio 2019

POLLOCK, Griselda. **What’s wrong with “images of women”**. *Screen Education*, 1977, no. 24, pp. 25-33

SAFFIOTI, H. I. B. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. Petrópolis: Editora Vozes. 1978.

SAMPAIO, Helena; CARDOSO, Ruth C.L. **Estudantes Universitários e o Trabalho**. 2011 Disponível em [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_03.htm). acesso 02 de out 2020

SANT'ANNA, W. & PAIXÃO, M., 1997. **Desenvolvimento humano e população afrodescendente no Brasil: Uma questão de raça**.

SANTOS, Gevanilda. **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. 1989. Traduzido por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: 16 de junho de 2019

SENNETT, R. **A corrosão caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SHERIFF, Robin E. **Como os senhores chamam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca** Yvonne e REZENDE, Cláudia Barcellos (org.). (org.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 215-243.

SOUZA, S. S.; LOPES, T. M.; SANTOS, F. G. S. **Infância negra: a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade**. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 3. São Luis: Ed. UFMA, 2007.

SPINDOLA, T., & Santos, R.S. (2003). **Trabalhando com história de vida**: percalços de uma pesquisa (dora?). *Revista de Enfermagem USP*. Vol. 37 (2), p. 119 – 126.

SULLIVAN, Sherry; BARUCH, Yehuda. **Advances in Career Theory and Research**: A Critical Review and Agenda for Future Exploration. *Journal of management*, vol 35, n 35. Dez 2009

TABORDA, Adriana. Silva Francisca, Ulbricht Leandra.(2014) Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. Rio de Janeiro. p 17

TELLES, Lorena Feres da Silva. **Libertas entre sobrados: contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TOLFO, Suzana; PICCININI, Valmíria: **Sentidos e significados do trabalho**: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia Social*, Porto Alegre, 2007

QUIJANO, Aníbal. **“Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.”** no. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, p. 121.

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras**: De Bertioga a Beijing. Florianópolis, Estudos Feministas, Florianópolis, 1995

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das letras, 2018

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**: uma perspectiva brasileira. São Paulo 2016

TEIXEIRA, M. S. **Perfil da Mulher no Mercado de Trabalho**. Id online *Revista de Psicologia*, vol. 6, n. 17, p. 95-123, 2012. Disponível em: Acesso em: 02 jun 2019.

TEIXEIRA, Enise. A Análise de Dados na pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em questão*. Florianópolis, 2011. Disponível em :<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/84>. acesso 02 ago 2020.

UNICEF. **Ciclo vicioso da pobreza no Brasil**. disponível em: [www.unicef.org.br](http://www.unicef.org.br). acesso 30 de out 2020

WORLD HEALTH ASSOCIATION. Division of Mental Health. *Qualitative Research for Health Programmes*. Geneva: WHA, 994.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010

## APÊNDICE 1

### ANTONIETA DE BARROS

Nasci em Salvador, fui criada pelos meus pais. Meu pai é um homem negro do suburbio de salvador, e minha mãe é considerada uma mulher branca no salvador. Ela é do interior da Bahia, litoral norte. Meus pais trabalham numa siderúrgica. Ele fez formação técnica, e minha mãe fez formação em magistério. Fui criada num bairro de classe média baixa. Inicialmente eles tinham uma boa condição social devido ao trabalho. Depois que eu nasci minha mãe saiu do trabalho pra cuidar de mim. Logo depois, meu pai foi demitido, ficou desempregado, e teve que trabalhar por conta própria. Ele abriu uma mercearia em um bairro de Salvador. Depois de um tempo, o mercadinho também não deu certo porque foi a época que os Supermercados começaram a funcionar 24 horas e aí isso contribuiu para que ele perdesse clientela. Com isso, as condições de lá de casa começaram a ficar não tão favoráveis. Desde lá, ele começou a fazer bicos e trabalhos esporádicos. Então a minha infância foi muito marcada pela escassez, escassez de tudo. Lá em casa tudo foi muito controlado, a gente não comia tudo que queria, não tinha os brinquedos que queria, e com o tempo, meu pai não conseguiu continuar pagando o condomínio, por isso a gente teve que mudar. Ele vendeu o apartamento para comprar uma casa na periferia de Salvador, boca do rio. Eu estudei com todas as dificuldades, mas apesar de todas as dificuldades eu estudei numa escola particular do bairro, e meus irmãos estudaram em um colégio militar porque eles conseguiram ser aprovado numa escola pública de qualidade do Colégio da Polícia Militar. Com isso minha mãe fazia bicos. Minha mãe costumava vender quentinha, vender comida, geladinho din din, para ir sustentando a casa. E uma tia dela ajudava ela com a minha escola também. Ela fazia serviços domésticos, como lavar roupa para ela trazer algumas coisas aqui e aí ela foi ajudando minha mãe a pagar minha escola.

Na escola e no primeiro bairro que eu vivi inicialmente, ser negra sempre foi muito difícil porque era sempre um marcador das relações. As crianças me identificavam como diferente, falavam do meu cabelo, diziam que nunca iam namoram com uma menina negra. Eu me senti nesse lugar de subserviência para ter amizade das minhas amigas. Eu desenvolvi uma personalidade muito, como eu posso dizer, subserviente né, que aceita tudo. E na escola eu desenvolvi muito a ideia de que precisava ser muito boa naquilo que eu fazia. Então eu era a melhor aluna da sala por dois motivos: porque essa visão que minha mãe sempre teve, como todas as mães trabalhadoras, colocava a ideia de que o estudo era a única forma da gente ter uma estabilidade financeira, ter uma

condição social mais tranquila do que aquela que a gente tinha. E aí então eu vi o estudo como uma possibilidade de sair daquele lugar de, de medo, que até hoje me atravessam na vida, mesmo sendo servidora pública e ter uma condição de estabilidade financeira maior. O segundo motivo foi para me reafirmar naquele grupo, porque era uma forma de alcançar uma amizade, porque era uma forma de resistir, de ter alguma importância.

Eu e os meus irmãos quando éramos mais pequenos a gente conseguia compreender a diferença mas não conseguia compreender que vinha do racismo. Na verdade a gente não entendia de como o racismo era a mola de toda aquela engrenagem da forma como a gente era tratado. Os meus pais nunca trataram disso como um assunto familiar. Mas na família da minha mãe, por exemplo, eu era diferente porque a maioria da família é branca e aí sempre me sentir inferior, o próprio afeto era concedido de uma forma diferente para os primos brancos e os primos negros. E já na família do meu pai (de maioria negra), todos eram do subúrbio, eu já era vista de uma forma mais, como eu posso dizer, carinhosa por ter uma pele mais clara, por morar em outro bairro e não no subúrbio.

Antes do meu ensino médio, eu tenho uma lembrança de ter tido o desejo de fazer odontologia, porque bem pequena, eu lembro que meus pais não tinham condições para me levar ao dentista periodicamente. Tive muitos problemas na minha dentição, e todas as vezes que eu ia ao dentista era numa situação de tentar recuperar o dente. Então desde pequena eu já achava essa profissão admirável, mas minha mãe, a primeira vez que eu expressei esse desejo ela logo falou pra mim que seria muito difícil fazer odontologia porque mesmo que eu esforçasse, mesmo que eu passasse na universidade federal, seria muito difícil eu cursar, porque ela não teria dinheiro para pagar todos os instrumentos que o curso de odontologia exigia. Eu também sempre admirei a figura da coordenadoras já no ensino fundamental com 12- 13 anos. Então eu tinha esse desejo fazer pedagogia, desde daquela época, percebi que eram pessoas conciliadoras, também pelo desejo da docência, porque eu tinha uma professora de história que ela estimulava muito a gente a pensar o mundo, ela contextualizada tudo isso com a nossa realidade.

Eu comecei a trabalhar na época da faculdade. Não tive um trabalho formal na época, mas aos 17 18 anos tinha muita vontade de trabalhar. Trabalhei na call center no banco do Brasil, entre outros bicos. Na época logo quando eu entrei a faculdade, estava em greve. Então eu não entrei em 2007, logo comecei a fazer cursos. Eu fui bolsista da pesquisa na fundação da Bahia, e com essa bolsa eu mantive por um ano. Em resumo, trabalho sempre existiu, mas a formalização do trabalho não existia. Minha mãe, e essa máxima das mães da classe trabalhadora, sempre quis me proteger

desse trabalho que poderia atrapalhar os meus estudos, porque ela acreditava que o estudo era importante. O receio dela era eu começar a trabalhar e abandonar os estudos. Eu vejo isso como uma história comum em muitas famílias, que ao muito custo tentam impulsionar os seus filhos para esse lugar que não era um lugar deles. Minha mãe não pude fazer faculdade, nos somos os primeiros da família a fazer uma faculdade. E muitas pessoas chamam isso de privilégio, mas eu não vejo isso nesse lugar de privilégio. Claro, eu tive uma mãe que se preocupou muito, em que eu não precisasse preocupar com trabalhar, mas todos os dias era uma preocupação em o que comer, se eu vou poder continuar a estudar, entre outras coisas. Meu primeiro trabalho formal foi no campo da pesquisadora, o que não é comum para uma mulher negra. Atualmente, eu sou servidora pública, sou professora de uma instituição pública IFCE. Formalmente eu sou professora do ensino básico técnico e tecnológico. Mas como os institutos têm licenciaturas, eu sou professora das licenciaturas, então eu não atuou no ensino médio porque a minha licenciatura não habilita para trabalhar no ensino médio.

Eu sou muito feliz como o meu trabalho. Eu trabalho numa cidade perto de Fortaleza, e isso de certa forma me cansa muito, o deslocamento é distante, mas eu trabalho no curso de letras que eu gosto muito, um universo que eu gosto muito, e trabalhar como professora para mim é algo muito gratificante, porque é lidar com pessoas de lá com a formação das pessoas, lidar com essa possibilidade que eu mencionei lá atrás que admirava na minha infância, que é ajudar as pessoas a ler o mundo. E eu como professora, eu ajudo as pessoas a enxergar isso. Trabalhar com ensino pesquisa e extensão para mim também é extremamente gratificante, porque eu carrego comigo essa responsabilidade social, a partir da pesquisa, de construir uma narrativa política de compreensão desse lugar social que a gente ocupa hoje.

No meu doutorado estudei mulheres negras, ativistas nas redes sociais no YouTube, e também na extensão. Eu trabalho no IFCE com o Núcleo de Estudos afro-brasileiros e indígenas, e nesse núcleo a gente também tenta impulsionar a pesquisa na área de relações étnico-raciais, a compreensão do lugar das populações negras e indígenas no Brasil, e com papel também político e técnico pedagógico, muito forte, de revisar os currículos da instituição que são extremamente colonizado, que não tem esse olhar para esse pertencimento de um conhecimento negro, de um conhecimento produzido pelo povo indígena. Infelizmente, ainda há nos nossos currículos esse apagamento, então a gente faz essa luta porque não deixa de ser um ativismo. Mesmo eu defendendo que isso faz parte do meu exercício profissional, óbvio que o ativismo e a minha vida profissional se misturam, então isso é muito interessante como professora, mas é um exercício

técnico também, porque se você tem a compreensão da diversidade epistêmica do mundo essa diversidade de conhecimento do seu é uma responsabilidade quanto professor é difundir esse conhecimento e aí nenhuma parcela das conhecimento mas ao mesmo tempo falar disso é um exercício ativista porque quando eu faço isso, eu estou afirmando politicamente o conhecimento da população que foi historicamente subalternizada.

Para mim, as dificuldades na minha profissão, é ser uma professora negra nessa instituição que é branca, de maioria branca. Ter entrado pelo primeiro edital de cotas, ter que levantar essa pauta nos colegiados, isso faz com que a resistência ao nosso trabalho, ao meu trabalho, seja também muito forte. Quando a gente fala nessa revisão de currículos, nossos colegas viram o rosto, então você vai vivendo dificuldades nesse sentido. E também muitas vezes ser colocadas sempre nesse lugar da professora negra que vai falar sobre questões raciais e não ser lembrada em temáticas de outras pesquisas que não tem relação com a questão racial. Ou por exemplo, a legitimidade que o estudante te dá quando você entra na sala por ser jovem negra, para eles é estranho eu ser professora Doutora, jovem negra, ensinando para eles no interior do Ceará. Cheguei a trabalhar no sertão do Ceará, e as pessoas me olhavam estranho, então a gente vai vendo essas dificuldades profissionais superada desde o campo da estética, de como eu me visto, que isto não é tão associada a formalidade, a competência, a outras questões.

Eu acredito que o meu futuro chegou, porque eu sempre recordo todas as instabilidades da vida profissional dos meus pais, eles não tinham uma vida profissional. Se você me perguntar seu pai era o que, ele foi formado em técnico e eletricista, mas ele não exerceu essa profissão na vida ativa. A vida toda ele teve que fazer bico, ele teve que fazer muitas coisas. A minha mãe também a mesma coisa, então essa instabilidade, o desemprego, a falta, me fizeram sempre desejar a estabilidade. Então eu sempre desde muito nova eu corri muito atrás disso, como alguém corre atrás de alguma coisa muito valiosa. E isso é histórico no Brasil. Os filhos da classe trabalhadora veio o serviço público como algo muito desejável, e assim foi comigo. A partir de 2017 consegui entrar no Instituto Federal. Esse ano eu consegui a minha estabilidade pelo meu estágio probatório, e tudo isso para mim é uma alegria muito grande porque na vida profissional tô fazendo o que eu desejo que a professora como estabilidade. uma relativa estabilidade. A gente nunca sabe os governos, as políticas de educação, o que pode fazer com a educação é pública ou ensino público mas eu me vejo nesse lugar e mas eu sonho pensões exercendo a profissão docente primeiramente inspirar outras mulheres negras como eu e outras mulheres esperar meninas garotos negro, a visualizar. A outra aspiração minha é ter tempo para estar com minha filha, eu acho que uma das coisas que eu prezo

muito e ter um trabalho que não explore a esse ponto da gente não conseguir cuidar dos nossos. Eu acho é a esse passado escravocrata que nos retirou essa possibilidade. Muitas mulheres negras tiveram subtraídas esse direito, esse lugar de cuidado dos seus, tiveram que cuidar dos filhos dos outros, então acho que isso é uma das coisas que eu mais desejo. Eu não quero muitas realizações profissionais se essas realizações tirarem o meu tempo de qualidade com os meus, com a minha filha, com meu marido, a minha família. Então eu acho que é isso, quero muito equilibrar trabalho como qualidade de vida, e quero assim também construir narrativas de pesquisa de ensino que inspirem, que mudem a realidade de outras pessoas. E espero muito aí dentro do meu alcance, dentro das minhas ações na Instituição onde eu trabalho, poder contribuir com o ensino público de qualidade que atinge todas as populações, a educação que não é pautada somente no conhecimento branco, mas que considera outras epistemologias. Precisamos construir uma educação acolhedora, e contribuir para o acesso e permanência das populações que foram marginalizados no Brasil, do direito à educação.

#### 4.2 DANDARA

Então, nasci no interior do Paraná, numa cidade que chama Ponta Grossa, fica 100 quilômetros de Curitiba. Meus pais foram casados até os meus 12 anos de idade, depois eles se separaram. Mas foram meus pais que me criaram sim, tenho um irmão mais velho também.

Na minha infância, bem... eu tinha poucos amigos, eu não tinha muitas pessoas da minha faixa etária no bairro onde eu morava e tudo mais, e na escola também não tinha muitos amigos assim, foi só quando eu tinha uns 8 anos que eu formei um grupo mais sólido de amigas que era de ir dormir uma na casa da outra e tudo mais. A minha relação com a minha mãe de pequena eu acredito que era boa. Eu acho que tinha muito a questão de me achar a extensão dela sabe, acho que tinha muito isso de tipo fazer as coisas que ela gostava, fazer as coisas para agradar, não gostar de que ela não gostava, mesmo gostando, era tipo esse sentimento de me sentir meio que como uma extensão dela. Acho que peguei muitas coisas dela para mim como verdade. Ela trabalhava de telefonista, ela trabalhou em vários lugares como telefonista, mas ela teve uma época que não trabalhou, eu esqueci a data mas foi quando meu irmão era pequeno que ela ficava mais em casa para cuidar dele. Então era basicamente uma família tradicional brasileira, né. Meu pai trabalhava no órgão público de telefonia, que mais tarde foi privatizado. E justamente por isso a gente teve vários benefícios desde criança, como estudar em colégio particular a vida toda. Por que um dos benefícios

na empresa era pagar parcialmente a escola, só que e depois que privatizou os benefícios foram cortados, mas meu pai conseguiu manter a gente normal num colégio particular. A gente nunca estudou em órgãos públicos a não ser na faculdade e isso era um privilégio. Eu só depois de adulta consegui reconhecer os grandes sentimentos que eu carreguei/carrego por causa desses privilégios de maioria branca vamos dizer assim.

Então, quando eu era criança a gente tinha uma boa condição de vida, sempre tinha tudo que eram normais para gente, nunca faltou nada. Eu peguei uma geração muito de tipo, muitas pessoas mais velhas que eu, meus primos, meu irmão, todos de diferença de 5 e 6 anos para mais de diferença de idade, então muita roupa que não servia mais neles eu pegava para mim, brinquedos às vezes, tipo bicicleta. Eu acho que eu nunca tive uma bicicleta. Vamos dizer assim entre aspas, que reaproveitei tudo de brinquedo, de roupa, de tudo, mas claro que natal eu ganhava alguma coisa que eu escolhi. Por exemplo: era sempre uma boneca e meus pais tinham condição de dar a boneca que eu realmente pedi.

Agora na escola quando eu comecei a estudar eu tinha uns 3 a 4 anos, foi uma época muito boa, eu gostava do colégio onde eu estudava porém meu irmão precisava trocar de colégio porque eu não lembro muito bem porque, acho que é porque ele tava indo meio mal nesse colégio, e aí meus pais quiseram trocar para um colégio que tivesse o ensino que eles consideravam ser mais forte, e aí foi quando eu mudei primeira vez do colégio, foi bem traumático para mim, bem traumático mesmo. Era um colégio mais elitizados da minha cidade. Quando eu comecei a estudar ali eu odiei a minha primeira série, inclusive foi onde eu aprendi a ler porque até na pré-escola todas as crianças da minha turma sabiam ler menos eu, porque eu fiquei muito traumatizada com a diretora. Tinha uma coisa super horrível que você tinha que ir até a sala da diretora e ler uma frase, e se você conseguir ler uma frase você ganhava uma master estrelinha. Então quando você voltava pra sala todo mundo comemorado e tudo mais. Eu acho que eles viram um bloqueio em mim, então eu não consegui aprender ler, e eu estava sempre frustrada. Na primeira série tinha sempre uma tia que era tipo o máximo das professoras pra mim. É uma professora que eu peguei na primeira série, muito boa, tinha muita paciência comigo. E lá que eu aprendi a escrever. Então esse foi um ponto bem bom, eu evolui bastante. Mas foi meio ruim porque eu não tinha amigos, eu não tenho muita lembrança das pessoas que estavam lá comigo, né das crianças. Eu acho que eu era a única menina negra, então eu tive muita dificuldade em fazer amizade, ninguém queria ficar comigo no recreio e tudo mais, e aí acabou que eu acho que fui me acostumando assim sozinha e quando meu irmão foi para o primeiro ano a gente teve que mudar de colégio de novo porque teve um colégio na cidade

que começou a ter curso técnico de ensino médio, então eles queriam que o meu irmão fizesse um curso técnico. E aí eu fui também, para mim foi um baita de um alívio porque eu ia sair daquele colégio de elite branca, mas eu não tinha muita noção essas coisas na época. Quando eu fui para a segunda série e meu irmão foi para o primeiro ano do ensino médio, aí que foi horrível, eu carregou traumas assim meio que até hoje de diversas coisas. Hoje eu tenho uma consciência maior das coisas, inclusive trabalhei isso na terapia. No momento não faço mais terapia, mas eu trabalhei muito isso na terapia, dessa questão racial. Assim, porque nesse colégio era um colégio que tinha muitas turmas e tipo tinha pelo menos quatro turmas de cada série, tinha alguma espécie de 5 turmas, os ensinamentos mais novos assim, as iniciais, cada turma tinha de 35 a 40 alunos. Então imagina de uma turma eu era a única menina negra. Eu lembro que tinha 3 pessoas negras, mas eram todas de salas diferentes, uma em cada sala, então assim era bem intenso. Eu sofri bullying na escola, tinha um coleguinha que me chamava de urubu, foi o maior transtorno, foi bem ruim, foi difícil para fazer amizade, então quando eu fiz amizade aquilo ficou realmente um laço muito forte assim com elas e tudo mais, e a gente tinha essa rede de apoio. Lá na escola tinha um negócio de fazer parte do grupinho popular que todo mundo conhece, eu era da parte do grupo dos excluídos, eu era aquela guria que ficava sentada no final da turma, final da sala, ou então até podia sentar na primeira carteira, mas eu sentava de uma maneira toda diferente. Então eu fui colocado num papel diferente e acabou que por diversas questões meio que tomei aquilo para mim mesmo e eu gostava de ser diferente. Então na escola foi isso. Odiava, odiava, odiava, não gostava, dei graças a Deus quando eu saí, eu não sei se tem alguma coisa boa de todo esse tempo que eu passei na escola, eu acho que a melhor coisa foram uma tia ou outra que eu gostava, que era da meu jardim 1 e da pré escola que era a minha tia, tia Mônica, ela me marcou muito, eu tenho contato com ela até hoje, eu tenho 31 anos atualmente, e assim eu acho que foi uma das coisas que mais me marcou, do resto eu não posso tirar nada de positivo. Aí claro, além das amizades também, mas foi uma época muito ruim para mim.

Os meus pais me apoiaram nos estudos, inclusive eles eram bem rígidos, tinha que ter nota boa, não podia ficar em recuperação. O meu avô, o pai da minha mãe, ele inclusive pagava as inscrições de vestibular para a gente fazer, então isso é uma coisa que era muito apoiado na família. Mas eles eram bem rigorosos mesmo com relação a isso, inclusive em fazer uma faculdade que fosse pública, porque já pagaram a vida inteira colégio, então tipo o mínimo era fazer uma faculdade pública.

Nossa, tinha tinha alguns sonhos. Eu queria fazer psicologia, meu avô tinha coleção dos livros do Freud e eu lia quando eu era criança. Eu gostava muito daquilo e eu queria muito fazer psicologia, mas não tinha na cidade aquela época, aí eu não pude fazer. E meu pai não deixou eu sair da cidade para estudar. Outra coisa que eu queria fazer quando era pequena foi medicina veterinária que também foi outra coisa que meu pai cortou. Eu lembro quando eu era pequena ele falou que ele não teria condições de pagar para mim porque só tinha numa cidade muito distante que ele não ia poder pagar. Então foi uma coisa que já foi cortado desde pequeno. O mais engraçado e o que eu queria muito fazer parte das paquitas, aí eu comecei a reparar um padrão que eram todas loiras, eu lembro da minha época ainda tinha uma que era morena, só que ela era bem branquinha, e o cabelo dela não era nem preto, seu cabelo era castanho escuro, então eu pensava comigo que era impossível ser uma coisa que eu nunca ia conseguir atingir. Então quando eu fui achando impossível eu já deixei de sonhar com isso. Mas eu não costumava falar isso para as pessoas, era uma coisa muito interna minha, e claro que tiveram outras coisas também como a relação a profissional, tinha algumas coisas que eu queria fazer. Eu falei que os meus pais me apoiaram, mas eles me apoiaram apenas para coisas que fosse dentro da cidade, assim era uma coisa que eu não entendi muito, mas meu pai sempre falava que se fosse para estudar fora ele não teria condições de me bancar, e eu achava que isso não era uma realidade. Até hoje eu não sei porque eu nunca fui muito por dentro do quanto era o ganho familiar. Mas então, eu achava que era só porque realmente era uma questão que fosse porque meu pai sempre fui muito possessivo, inclusive com a minha mãe, sempre tentando controlar ela.

Então, eu me formei em tecnologia em alimentos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Meu pai aposentou, ele tinha uma loja de baterias automotivas, na verdade ele tem ainda, e aí eu trabalhava com ele na loja até eu conseguir um emprego. Dois anos depois eu fui para outra cidade que era Curitiba, meu irmão já morava lá então o primeiro emprego que eu tive foi lá em Curitiba. Então o meu primeiro emprego tive que desenvolver habilidade de uma maneira muito rápida, tipo aprender a trabalhar sob pressão. Aí depois disso fui trabalhar no hospital rede Marista não sei se tem mais. E aí era um hospital que era 30% particular e convênio e 70% SUS, Santa Casa de Curitiba. Eu trabalhei lá quase dois anos, lá foi bem tenso. Mas primeiro vou falar de tudo que eu trabalhei aí depois eu volto. Eu trabalhei como barista porque eu queria abrir um negócio meu. Então eu fiz um curso de barista e acabei trabalhando em diversas cafeterias até esse ano. Também fui gerente de algumas cafeterias, e aí atualmente eu trabalho com astrologia, então trabalho com a leitura de mapa astral.

As dificuldades que eu encontrei nesse trabalho que hoje eu consigo identificar como uma forma de racismo e preconceito, foi na Santa Casa. Eu tinha uma supervisora que era um cão, ela fez diversas coisas para mim. Eu cheguei muito perto de pedir minha conta, mas eu não pedi. Eu reparava que ela fazia coisas assim comigo e com as outras pessoas que tinha uma relação mais forte ali. Eu era líder de nutrição, então eu comandava a equipe da cozinha da Copa. Era uns 20 funcionários em geral e as pessoas se identificavam mais comigo, que realmente me tinham ali no coração mesmo, e eram pessoas eram pessoas de cor também, então elas eram perseguidos igual assim. Era bem bizarro.

Eu acreditava que por aparentar ser mais nova, eu não tinha credibilidade, hoje eu vejo que claro pode ser isso também mas pode ser que seja por causa da cor da minha pele. Eu senti também isso no barismo que foi inclusive o catalisador para eu sair do barismo, o machismo e o preconceito velado, o racismo velado, que é uma coisa que eu senti muito forte aqui em Florianópolis quando eu cheguei em 2017. No final de 2017 eu senti muito forte essa questão do racismo, essa questão do racismo velado e foi uma das coisas que mais me incomodou de uma maneira terrível, porque realmente veio isso de clientes, comecei a pensar se eu precisava engolir isso, as coisas foram ficando cada vez mais, ou melhor dizendo cada vez menos fáceis de engolir, de só simplesmente passar pano sabe, então comecei a questionar, comecei a bater de frente assim, então foi uma das dificuldades. E claro o machismo que é horrível aqui também, eu vejo que principalmente na área do batismo foi que mais me incomodou desde lá de Curitiba, que era uma coisa assim se você é bonita, se você tem boa aparência, se você tem um corpinho legal, dentro dos padrões aceitáveis, então você pode fazer parte do nosso grupo e a gente vai te dar oportunidade então é o machismo lá acontece dessa forma, só que como é uma coisa mais voltada também para ego acaba que é meio velado e você nem percebe que você tá sendo coagida dessa forma que você tipo tar acaba competindo com outras mulheres para que você seja mais atraente, para que seu espaço seja conquistado. Então é uma coisa bem bizarra que acontece. Então lá geralmente tipo é realmente assim, agora acho que mudou um pouco, mas era muito uma coisa de tipo uma mulher batendo de frente com outra, principalmente porque já é um universo muito mais masculino, então na minha época nem tinha muitas mulheres barista trabalhando, hoje em dia tá mais difundido, mas antigamente na época era 2015, não era tanto assim, então acabava que isso acontecia, mas eu reparei também muito tempo depois. E aqui o machismo é realmente do tipo, você é mulher, você não tem capacidade de fazer esse tipo de trabalho, e inclusive de todos, de toda equipe de trabalho, inclusive de mulheres e de clientes também. Uma coisa que nunca perguntaram para mim, eu tenho

diversos cursos na área de café e meu colega de trabalho não tinha, então por exemplo quando ele falava que era barista ele nunca era questionado, quando me perguntavam qual era o meu cargo na empresa eu dizia barista, eles questionavam, ah mas você fez curso? eu tinha vontade de andar com todos os meus diplomas no bolso, sabe, pra eu falar olha aqui então se eu não sou, se eu não fiz curso E tipo até porque é uma profissão que não exige um curso né. Então assim, eu me achava totalmente desrespeitada, a minha opinião não era ouvida, não era válida, principalmente nesse meu último trabalho. Eu me senti extremamente incomodado ,tanto que eu nem fui minha última semana de trabalho por que aconteceram coisas horríveis e parece que aí uma coisa acaba puxando outra ,e você está tão inserida ali, naquele mundo de machismo que eu sentia que rolava demais comigo, inclusive fora do trabalho ,então era terrível.

Eu penso em conseguir me tornar uma influência nessa área de astrologia, e utilizar o YouTube como ferramenta de monetização e como trabalho, é o que eu tenho pensado bastante para o futuro, porque eu acho que é muito rentável e que dessa forma eu posso também dar representatividade. Utilizar as redes como uma ferramenta mesmo de trabalho, estando num mundo pandêmico a gente sabe que a gente precisa se modernizar e tudo mais. Então eu tenho pensado cada vez mais mesmo nisso, e acaba que vai de encontro com meu sonho de infância de querer me comunicar com as pessoas, né, e ter um reconhecimento.

#### 4.3- MARIELLE

Eu nasci no Maranhão, sou de São Luís do Maranhão, e eu fui criada pela minha avó. Na verdade sempre morei com a minha mãe, mas a minha avó que sempre me criou porque a minha mãe ela sempre trabalhou desde muito novinha, então minha mãe saía para o trabalho e me deixava na casa da minha avó. Então desde que eu me entendo por gente a minha mãe sempre morou perto da casa da minha avó, aí a minha avó cuidava de mim. Eu sou a mais velha, depois quando meu irmão nasceu a minha avó cuidava de mim do meu irmão.

Eu sempre tive uma relação muito boa com a minha avó, minha mãe nem sempre, a gente sempre brigou muito, mas com a minha vó sim, a gente sempre teve uma boa relação. Minha mãe trabalhava trabalhava no comércio, até hoje ela trabalha com vendas. Antes dela trabalhar com isso, ela já trabalhou em lojas de roupa, de calçados ,agora ela trabalha numa loja de produtos para restaurante. E a minha avó ela é do interior do Maranhão, na verdade ela é lá do Piauí, mas a minha

avó foi para cidade desde novinha para trabalhar em casa de família. Minha avó também sempre trabalhou em casa de família. Hoje em dia como ela já tá bem mais velha, ela já tá aposentada. Hoje em dia ela faz pipa para vender para as crianças, e vende bastante. Assim, já faz uns anos que ela trabalha vendendo pipa. Ela também vende sorvete, lá na cidade chama suquinho, são aquele sorvetinhos que tu faz de suco e coloca dentro de um saquinho.

No primário em estudei no colégio particular, aí depois eu estudei na escola pública. Terminei os meus estudos, depois, como eu queria muito ser professora de yoga eu vim para Floripa para fazer formação de yoga. Hoje em dia eu trabalho com yoga, eu fiz também curso de massagem, curso de reiki, e agora como eu gosto muito de desenhar, agora eu tô fazendo uma mentoria profissionalizante para tatuadora para tornar tatuadora. Eu acredito eu estou sempre estudando.

Então, eu comecei a trabalhar com 19 anos. Eu comecei vendendo Avon foi um pouco por pressão da minha família. A minha mãe estava me colocando pressão, falou que estava muito velha, que eu tava indo mal na escola, que eu tinha reprovado, e que não ajudava em casa. Um namoradinho da época também me pressionava na minha cara que eu não trabalhava. E aí eu peguei e comecei a vender Avon porque eles pressionaram muito com isso. Mas eu acho que isso já ia acontecer naturalmente. Primeiro comecei a trabalhar vendendo Avon, aquela marca de maquiagem. Eu vendia na escola e no bairro. E depois eu parei de vender Avon, eu comecei a trabalhar como freelancer de uma loja de perfumaria no shopping, só que era só nos finais de semana. Também trabalhei numa loja de shopping na minha cidade que se chama Centauro, mas como eu estava estudando fiquei na parte do cuidado do provador de roupas. Quando eu terminei o terceirão, eles me passaram para vendas.

Hoje em trabalho com Yoga, e eu amo muito trabalhar com isso. Sempre agradeço de trabalhar com aquilo que eu sempre quis. Me alegra o coração em saber que hoje em dia a minha renda é apenas com yoga.

Eu já sofri situações de racismo dentro do trabalho, mas eu não consigo lembrar agora com exatidão qual foi o momento. Na minha formação de yoga eu era a única aluna negra de uma turma de 20 alunos por aí, eu era a única aluna preta. E quando eu comecei a dar aula também eu fui tentar dar aula numa escola de yoga que foi onde eu fiz o curso de massagem. E aí eu senti assim que o professor não queria que eu desse aula de turbante. Porque nessa nessa modalidade de yoga que eu dou aula, a gente só dá aula de turbante, faz parte da tradição. E eu senti meio que ele não queria que eu desse aula de turbantes, era um pouco do preconceito dele com relação a ao turbante. Ele

disse que as pessoas tinham uma resistência quando viam professor de turbantes... enfim, não sei se isso pode ser considerado uma expressão racista, mas eu achei bem chato. isso é uma dificuldade que eu achei no yoga. Uma dificuldade que eu percebe que existe muito, que é que as vezes tem professores de yoga negro também. Eu uso do meu instagram para divulgar os meus trabalhos, eu demorei até ser um pouco reconhecida pelo meu trabalho, enquanto tem pessoas brancas que fazem a mesma coisa, estão formadas há menos tempo do que a gente, e tem muito mais visibilidade, tem muito mais reconhecimento do que a gente. Eu já percebi muito isso nesse meio da internet. eu vejo que na internet às vezes os brancos eles são muito mais reconhecidos mesmo que às vezes tem gente no rolê rolê a mais tempo, com mais bagagem.

Para mim, para o futuro do trabalho eu quero ser próspera com meu trabalho, quero ganhar dinheiro porque não só porque eu quero, porque eu sei que eu mereço também. O trabalho que eu realizo hoje é um trabalho de qualidade. Eu trago uma seriedade no meu trabalho, assim como eu me dedico muito em tudo que eu faço. Tanto no yoga, como na tatuagem, que agora que eu vou me aventurar na tatuagem. Também porque estou sempre pensando em como melhorar, como trazer um diferencial. É uma coisa minha no meu trabalho, então eu sei que eu mereço ser próspera, sabe, ganhar uma grana, viajar o mundo e ganhar muito dinheiro. E eu quero assim, e que cada vez mais mulheres negras, cada vez mais pessoas pretas, e principalmente mulheres pretas, estejam ocupando todos os lugares, principalmente lugares de poder, porque a gente é acostumado a ver pessoas negras mas sempre em lugares subalternos, sempre e a pessoa que está limpando, nunca é o chef, ou o gerente, nunca é o dono da empresa. Então, o meu sonho, a minha vontade, é que eu veja cada vez mais mulheres pretas no poder, mulheres pretas ricas, mulheres pretas poderosas, mulheres presas dirigindo carrões, mulheres pretas realizando sonhos.

#### 4.4 BENEDITA DA SILVA

Sou baiana, tenho 33 anos, meus pais são casados, mas eu fui criada pela minha mãe. Na época eu não tinha noção das coisas que eu tenho hoje, então eu vejo que a minha criação foi numa cultura muito patriarcal. Meus pais tiveram 6 filhos, e eu lembro de desde daquela época eu já questionava a minha mãe do porque que eu fazia os trabalhos domésticos e os meus irmãos não faziam. E por ela já nascer nessa estrutura machista, ela naturaliza que os trabalhos domésticos faziam parte do ser mulher. Bom, a relação com a minha família era parcialmente boa. Minha mãe precisou trabalhar arduamente como faxineira para sustentar os filhos, porque meu pai não ajudava

em casa, ele trabalhava mas gastava o dinheiro com bebidas e lazer. Eu também comecei a trabalhar desde os meus 14 anos por questões de sobrevivência mesmo. Por sermos seis filhos, a minha mãe não dava conta, portanto a saída era fazer com que os filhos mais velhos começassem a trabalhar pra trazer comida dentro de casa.

Eu lembro que na época era muito difícil estudar porque tinha que conciliar a escola e o trabalho, então eu tive que abandonar porque era muito sobrecarregado. Eu chegava nas aulas esgotada, muitas vezes cheguei a dormir na sala de aula por causa do cansaço. Aos 18 anos eu fui obrigada a abandonar os estudos porque acabei engravidando e necessitei de procurar um emprego que desse sustento para mim e para o meu filho. Aos 22 anos eu engravidei do meu segundo filho, as coisas acabaram complicando ainda mais. Quando eu tive o meu primeiro filho, mudei para Salvador pra procurar um emprego melhor, depois do meu segundo filho tive que retornar pra ilha para reduzir os gastos, mas mesmo assim eu continuei trabalhando no Salvador. Todo dia eu tinha que fazer viagens de duas horas de ida e mais duas de volta. Era uma jornada muito cansativa porque tinha que acordar às 5 da manhã, arrumar as crianças, alimentar elas, deixar na casa da minha mãe, pra depois pegar o transporte e chegar o trabalho no horário. A maioria das vezes eu saía de casa sem tomar café, e dinheiro dava pra pegar o salgadinho e um copo de café.

E eu já trabalhei de tudo, trabalhei com faxina, nos bares como garçonete, trabalhei nos comércios. Nunca tive medo do trabalho, mas eu sempre achei desgastante essa rotina de trabalhar com comércio, porque além de não pagar as horas extras que você fica na loja, a exploração que eles fazem como a gente que é funcionária é desumano. Eu fico pensando do porque que a gente trabalha que nem um condenado para enriquecer os donos do comércio. Eu não tinha tempo para nada, nem para os filhos, nem para a família, e nem para mim mesma. A minha vida era em função do trabalho para sustentar os meus filhos.

Eu trabalhava de segunda a sábado. E desgastante essa dupla jornada de ter que trabalhar e cuidar dos filhos, e ainda ter que lidar com essa exploração da mão de obra dos funcionários para enriquecer os donos. Além de não te pagar um salário digno, você tem que se submeter a várias coisas.

Quando eu era mais nova o que eu mais gostava de fazer era de dançar, eu faço aula de dança, na verdade sou professora. Infelizmente, essa profissão não é valorizada aqui, além do mais, uma das dificuldades nessa profissão é o frequente assédio no dia a dia. Eu lembro dos olhares e das piadinhas dos homens quando eu ia fazer algum show de dança. Essa hipersexualização do corpo feminino negro foi um dos motivos de não encarar a dança como uma profissão. O meu sonho

quando eu era pequena era ser artista, mas meus pais não me apoiavam. O discurso da minha mãe era que ser artista não dava dinheiro, dizia sempre que essa profissão não dava. Se eu pudesse fazer um curso seria ciencias sociais. Ultimamente estou muito envolvida com isso, trabalho com projetos para pessoas de periferia, para mulheres negras e entre outras coisas. Penso em retornar a escola e dar continuidade nisso.

O que eu penso para o futuro do trabalho, é que o trabalho precisa ser encarado como algo mais humanitarista. O sobrecarregamento faz com que você não tenha tempo para a sua família, e para você mesmo. Acredito que a educação é uma ferramenta poderosa capaz que quebrar essas barreiras impostas a nós. Também para o futuro do trabalho espero que mais mulheres negras consigam realizar os seus sonhos e serem respeitadas. Porque a mulher desde sempre vem produzindo riqueza e os homens gerando.

#### 4.5 TERESA DE BENGUELA

Bom, eu tenho 38 anos, eu nasci em Florianópolis no dia 26 de setembro, filha de uma grande mulher que me teve aos 18 anos de idade. Na época ela não trabalhava e eu não fui criada por ela nem mesmo pela minha família materna. Uma minha avó tinha uma grande amiga que era madrinha dela de crisma e essa mulher ela era viúva e tinha dois filhos, um de 24 e uma de 19. Quando eu nasci, eu fui batizada pela filha dela mais nova. E lá eu ia ficar, durante a semana para minha avó poder trabalhar na casa dela. O motivo da minha adoção foi porque a minha mãe era usuária de drogas. Então na época a situação era bem delicada, minha avó se viu na obrigação de se responsabilizar por mim. Fui adotada pela minha mãe adotiva, que no caso era a patroa da minha avó. Eu posso dizer que criei uma família. Como a minha mãe adotiva era viúva, eu acabei criando a minha estrutura familiar que era eu, a minha mãe adotiva que era viúva, e o marido da minha irmã adotiva, que seria no caso o meu cunhado, para virar meu pai, então eu criei uma estrutura familiar. Por ter sido criada por uma família de classe alta, a minha mãe adotiva não trabalhava, ela era responsável apenas pela educação de mim e das minhas irmãs. Eles eram uma família de política.

Eu tive o privilégio de estudar no no antigo Colégio Coração de Jesus, devido a boas condições financeiras da minha mãe adotiva. Eu realmente no segundo ano eu acabei repetindo de ano e fui diagnosticada com dislexia, mas isso nunca me afetou, isso nunca me abalou, até porque era uma dislexia leve, é mais comportamental. Em relação a isso eu sempre tive o apoio da minha mãe que me adotou. Eu sempre tive apoio de todos eles em estudar e buscar aquilo que queria.

Na escola eu sempre gostei muito de fazer esporte, não sou uma pessoa muito boa em matemática, até porque isso dificulta bastante o meu problema com dislexia, mas eu sempre gostei de fazer esporte, então eu sempre busquei o esporte como um grande incentivo. Eu gostava muito de português também. Na verdade línguas. Espanhol e inglês eu sempre me destacava junto com os esportes.

Sempre tive grandes amigos, não tinha dificuldade em fazer amigos, acho que o preconceito não era assim tão visível, sabe hoje em dia eu vejo muito mais preconceito, consigo sentir muito mais preconceito do que quando eu era pequena. Acho que antes era mais camuflado, mas hoje em dia eu vejo muito mais preconceito do que quando eu era pequena.

A minha expectativa na verdade eu não sei te dizer, eu nunca consegui montar um plano para mim, assim, me colocar numa direção. O único sonho que eu tive foi que queria muito ser delegada, esse ser meu maior sonho, ser delegada. Então em 1997 se eu não me engano, baixou uma portaria onde apenas quem tivesse bacharelado em direito poderia prestar concurso para delegado, então foi ali que decidi fazer direito. Mas não deu certo porque a minha mãe adotiva não me apoiava com isso. Ela falava que delegado era profissão para homem, que não queria ver filha dela nesse tipo de cargo. Acabei desistindo do curso de direito, fiz até a sétima fase de faculdade. Dei início a faculdade de turismo, fiz por um ano, mas acabei desistindo também.

Aos 24 anos tive o meu primeiro filho, então eu queria buscar a minha independência. O meu cargo eu sempre peguei recepção, eu acho que é o maior trabalho que eu tive. O meu maior enfrentamento ou o maior confronto digamos assim, foi numa entrevista de emprego que eu tive que provar que sabia usar o computador porque a pessoa tava duvidando disso.

Tenho dois filhos atualmente, um de 12 anos e uma de 8. Quando eu comecei o meu primeiro emprego, quando Pedro Henrique mais velho tinha 4 anos e desde então não parei mais e amo trabalhar. Uma das maiores dificuldades que eu tenho em relação a minha mãe adotiva, é que ela não consegue enxergar os meus filhos como pretos, como filhos de uma preta. Ela prefere chama-los de “douradinhos” porque como eles são misgenados porque o pai não é negro, ela opta por enxerga-los como não negros. Mas fora isso não vejo mensuração de carinho perante a eles. Sempre foi uma avó muito carinhosa com os dois. Em relação às minhas irmãs adotivas eu sempre faço brincadeiras que elas são as privilegiadas, por serem loiras de olhos azuis, porque aqui o padrão de beleza é isso. Mas eu levo isso sempre numa boa. Em relação às pessoas de fora da família, alguns estranham quando eu chamo o meu pai adotivo de pai. Uma vez fui no estádio de futebol com o meu pai adotivo e ele encontrou uns amigos. Em seguida vieram as piadinhas se meu

pai conheceu a minha mãe no carnaval, por ele ter uma filha negra. Essas coisas hoje em dia não me incomodam mais.

Hoje em dia eu sou síndica. Estou administrando um condomínio. Eu gosto do que eu faço, mas realmente eu gostaria de trabalhar numa empresa regida pela CLT. Em relação a meus sonhos nenhum deles realizaram, até porque eu parei a faculdade, eu simplesmente deixei de lado e isso me frustra bastante.

Acho fantástico acho que toda mulher deveria trabalhar porque é maravilhoso a sua independência. Na verdade na área que eu atuo eu gostaria de adquirir mais conhecimento mas não é uma área que eu gostaria de ficar por muito tempo, e como eu te falei eu preferiria buscar um trabalho CLT, empresa, horário porque ser síndica pode parecer fácil para muita a gente, mas tu te dedica muito mais tempo, e tu escuta muita coisa que não é verdade e te entristece, e a gente não pode levar para o coração.

## APÊNDICE 2

### ROTEIRO DA ENTREVISTA

#### **1- Onde você nasceu? Como foi a sua infância?**

quem a criou?

quem a criou trabalhava? o que fazia?

qual a profissão da mãe?

a relação era boa?

#### **2- Em relação à escola, você frequentou? até que série? como era você na escola:**

Quais eram suas dificuldades?

Do que você gostava?

Seus pais/responsáveis te ajudaram?

#### **3 – Você fez até que série? Por que parou nesta série?**

#### **4 - Quando você era criança, o que sonhava em ser quando crescesse? seus pais (ou responsável) te apoiaram nesse sonho?**

#### **5 - Com quantos anos você começou a trabalhar?**

O que levou você a trabalhar?

Como era esse trabalho?

você continuou estudando?

O que levou você a trabalhar em vez de estudar?

**5– Quais foram os trabalhos que você já fez até hoje? Você enfrentou dificuldades nesses trabalhos?**

**6 – Você está trabalhando? o que você acha do seu trabalho? se você pudesse, gostaria de fazer outra coisa?as**

**7- os seus sonhos profissionais de pequena se realizaram? (se não) por que você imagina que não se realizaram?**

**8– Você tem filhos? Quando eles nasceram, você continuou trabalhando?**



